



317
314

A

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II — N.º 86 — LISBOA, 7 DE JANEIRO DE 1943

Preço avulso: 1 escudo

Aluno querido de Viana da Mota, este discípulo é bem digno do Mestre. José Carlos conta apenas 13 anos de idade — mas anda já no 6.º ano do Conservatório e tem realizado alguns concêrto que o têm afirmado como uma das grandes promessas da música portuguesa de amanhã.



DR. COSTA LEITE (LUMBRALES)

Ilustre Ministro das Finanças, acaba de apresentar o preâmbulo e respectivo relatório das contas públicas para 1943. Nesse documento, de grande clareza de exposição, esclarece-se o país acerca das dificuldades da hora presente e mostra-se-lhe que há quem cuide dos seus destinos e os saiba orientar e dirigir.



DR. JOSÉ RIBEIROS SANTOS

Um dos grandes valores do jornalismo português. Espírito brilhante e vivíssimo, que só uma modéstia excessiva não tem permitido que se revele perante o público através de muitas crónicas e artigos que têm sido publicados sem a sua assinatura, a sua obra foi verdadeiramente notável como chefe da redacção da «República» — lugar que desempenhou durante mais de dez anos e que abandonou agora. Faz actualmente parte da redacção do «Diário de Lisboa».



ALICE DE OLIVEIRA

Autora da biografia romancada que vem de publicar com grande êxito — «História da Rainha Astrid» — afirmou bem nesse livro as suas qualidades de escritora, que lhe asseguram na literatura portuguesa um futuro bem promissor.

AQUI entre Nós

Inventário & Balanço

ANO QUE COMEÇA

VAMOS palmilhando os primeiros passos deste novo ano de 1943 e o mais fácil, por mais costumeiro, seria de enveredar por uma floresta de dúvidas e incógnitas. Parece bem preferível, entretanto, tomar o caminho das realidades, contentando-nos aos menos com a certeza de que homem prevenido vale por dois e que a certeza das dificuldades, fazendo-nos marchar de peito feito para elas, sobreleva vantagem larga a optimismos conscientes e inconsistentes ou a falaciosas suspeições de que cada um ter fechada a porta da escada é prática bastante para que se não estraguem ao menos os tapetes com a água que vier de cima que rebenta em casa de algum vizinho. Não há como a consciência firme de todos os riscos para que bem se lhes possa fazer face — e essa é a característica fundamental que se extrai da leitura do relatório que precede a lei do orçamento geral do Estado para este ano, publicada no dia 1. Que se diz? Isso mesmo, afinal: que vivemos neste mundo, que nenhuma culpa temos do que vai por aí fora, mas que não podemos fugir às consequências que nos tocam de ricochete. A perspectiva não será, é bem de ver, a mais risonha, pois que se reclamam sacrifícios e se anunciam dificuldades. Mas ser-se capaz de se forjar o temperamento preciso para encarar de peito forte as ansiedades inevitáveis é meio caminho andado: ao menos para que se saiba dominar uma situação difícil em vez de irmos de braços caídos e olhos fechados para sermos dominados por ela.

BOM SINAL

O salão chamado de Arte Moderna tem estado aberto no estúdio de S. Pedro de Alcântara. É uma parada de artistas a que se assiste com prazer — e precisamente este será o aspecto a focar aqui, pois que não nos prendem, evidentemente, propósitos de crítica de arte. O caso a evidenciar é o da frequência de público que estão tendo estas exposições, o que nos afasta da desolada recordação de deserto que envolveu, por muitos e dilatados anos, as manifestações desta espécie. E é preciso realmente, ir lá, tomar o pulso ao que isso significa como ânsia de cultura e, simultaneamente, como satisfação de necessidade já existente. Não é a meia dúzia de caras conhecidas que se juntam no dia da abertura com o ar de quem vai a visita de cumprimentos ou a parada de elegâncias. Pelo contrário, é gente anónima, que se dispõe a aproveitar um domingo ou uma hora livre para tomar um alento de espiritualidade de que já não sabe privar-se.

A RODA DOS INTERESSES

NOS últimos dias registaram-se dois acontecimentos dolorosos, que custaram duas vidas: a do jornalista Henrique Vieira e a do advogado dr. Carvalho Serra. Evidentemente, não é a circunstância de se tratar de duas pessoas conhecidas e com certo realce na vida social que pode sugerir qualquer comentário, antes esse comentário deve ser sugerido pela circunstância que se encontra como traço comum nos dois episódios. Num lado, como noutro, o braço homicida mostrou-se pela primeira vez; num lado como noutro, foi o jogo mesquinho de interesses materiais da vida que impulsionou a má acção. Quere isto dizer que o homem perde facilmente o controle de si mesmo e que esse controle é tanto mais fácil de se perder quanto mais profundamente intervem como sinal dos seus movimentos a roda vil do interesseísmo. Os sábios da Grécia foram capazes de dizer coisas de teor aplicável. Infelizmente, parece, apesar de tantos anos decorridos, a Humanidade ou foge à leitura ou desdenha de assimilar a lição.



JOÃO PEREIRA DA ROSA

Um dos grandes realizadores do jornalismo português do nosso tempo. A sua orientação — a frente de «O Século» — que há dias entrou no 63.º ano de existência — muito tem revelado das suas firmes qualidades de homem de acção. O seu esforço persistente e insalvagamente fêz da velha «folha» de Magalhães Lima um diário em tudo digno do trabalho encetado por Silva Graça — uma figura que honrou a imprensa do nosso país.



HUMBERTO DELGADO

Oficial — aviaor do Estado Maior e professor catódrico da Escola de Guerra, foi esta semana homenageado como autor dramático. A sua primeira peça «Asas», no Teatralidade, constituiu um êxito — um grande êxito para uma peça portuguesa.

Oficial — aviaor do Estado Maior e professor catódrico da Escola de Guerra, foi esta semana homenageado como autor dramático. A sua primeira peça «Asas», no Teatralidade, constituiu um êxito — um grande êxito para uma peça portuguesa.



RIBEIRO DOS REIS

Antigo jogador e jornalista desportivo de grande mérito e incontestável autoridade, foi chamado de novo a desempenhar as funções de seleccionador nacional de futebol. Tem todas as qualidades para que do seu trabalho resulte mais uma afirmação do valor do futebol português.

Antigo jogador e jornalista desportivo de grande mérito e incontestável autoridade, foi chamado de novo a desempenhar as funções de seleccionador nacional de futebol. Tem todas as qualidades para que do seu trabalho resulte mais uma afirmação do valor do futebol português.

Recepção DO ANO BOM



Comemorando o Ano Novo, o sr. Presidente da República deu, no Palácio de Bolém, uma recepção, acompanhado pelos membros do Governo, ao corpo diplomático, às autoridades militares e civis, deputados e procuradores, vereadores e outras entidades. Em seguida, o sr. general Ca'mona foi à Assembleia Nacional onde em breves palavras, agradeceu os cumprimentos dos membros das duas câmaras e fez votos pelas felicidades dos trabalhos a realizar e pela prosperidade dos deputados e procuradores. Os srs. dr. José Alberto dos Reis e general Eduardo Marques agradeceram a visita do sr. Presidente da República.



Revestiu-se de grande imponência a recepção que o sr. Cardinal Patriarca deu no Palácio Patriarcal. O acto realizou-se na sala do trono, entrando as várias individualidades pela sala de visitas, dirigindo a cerimónia os revs. cônego dr. Honorato Monteiro e mons. Amadeu Ruas. A gravura mostra-nos o sr. D. Manuel Cerejeira agradecendo a visita aos escuteiros católicos

O sr. Pierre Baraduc, Encarregado de Negócios da França, e sua esposa, deram recepção à colónia do seu país, no palácio da Legação. Reuniu-se ali um elevado número de franceses de todas as categorias sociais. Não houve os discursos protocolares da praça, limitando-se o sr. Encarregado de Negócios a receber cumprimentos das pessoas presentes.



7 dias de 7 Cinema

por Fernando Fragoso

N

UMA tarde de Agosto, fez este verão um ano, Manuel de Oliveira leu a algumas pessoas, entre as quais me encontrava, a história de «Aniki-Bóbó» — que não tinha ainda este título tão impopular e tão pretencioso. A história foi discutida durante horas e horas, e Manuel de Oliveira defendeu-a com o entusiasmo de quem a havia imaginado e desenvolvido. Quanto a mim, considere-a, desde logo, anti-comercial — e demasiadamente literária para poder suportar a «ampliação» humana que a tela necessariamente lhe conferiria.

Discutimos, como disse, durante horas e horas. Procurámos convencer Manuel de Oliveira de que a sua história carecia de verdade humana, e que, com outro desenvolvimento, que unisse aquelas crianças em torno duma boa acção, lhes faria perder o ar de «Dead End Kids» tripeiros, com vantagem para o espectáculo e para a acção construtiva, de que o filme, e sobretudo o filme português, não deverá alhear-se. Esta norma é tanto mais para ponderar, quando se trata do chamado

«cinema sério», do cinema em que se faz Arte pela Arte...

A história que Manuel de Oliveira nos leu é a mesma que está no filme, com uma alteração posterior que a agravou consideravelmente: agora, é o Carlitos que rouba a boneca para a dar à Teresinha. Na primeira fase, o público supunha ter sido ele o ladrão, mas vinha a saber-se, depois, que a boneca lhe fora dada pelo Padrinho. A alteração tem importância porque na história não há nada que nos diga, de forma convincente, que o «crime doesn't pay»...

* * *

«Aniki-Bóbó» é uma história de gente grande, vivida, à maneira dos adultos, por gente de palmo e meio. O Carlitos, o Eduardito e a Teresinha podiam ser maiores e vacinados e pertencer à fauna menos recomendável do Bairro Alto.

O conflito, neste caso, necessitaria apenas de ligeiras alterações. Para tanto, bastava pôr o Nascimento como dono duma ourivesaria; substituir a boneca por uma pulseira de

brilhantes; e em lugar de pôr os miúdos a deitar o «papagaio», modificar a cena para uma passagem de contrabando, com a competente gazeta na oficina...

Por outro lado, Hollywood tinha ali também a história-tipo para o clássico conflito de dois amigos que disputam a mesma mulher! E estamos a ver o filme, com Clark Gable no papel de Eduardo; o Spencer Tracy, na figura do Carlitos; e a Hedy Lamarr na personagem da Teresinha.

Este é a meu ver o aspecto mais grave do filme, que dá à história o toque da moeda falsa.

As crianças não agem, não pensam e não raciocinam assim. As Teresinhas não têm a audácia, naquela idade, de enfiar o braço nos Eduarditos para fazer sofrer os Carlitos... E, paralelamente, se assim sucedesse, não considerariam, por certo, como ambição suprema da sua vida, a boneca da loja das Tentações... Os Carlitos, por muito amor que nutram pelas Teresinhas, não vão roubar bonecas para lhes dar — e levá-las às três horas da

manhã, por montes e vales de telha francesa, com risco da própria vida. E, por sua vez, se caírem na inimizade dos companheiros não buscarão, como solução, emigrar para outras regiões, a bordo dum peixeiro qualquer.

A irrealdade da história é agravada pelo facto de termos a impressão de que aquelas crianças não têm família. Vivem num meio de miséria, junto às águas sujas dum rio, de margens iodacentas. As ruas onde brincam não têm sol. A escola é um antro de tortura, onde um professor caricato não desdenha a «carolada» com o pouteiro, para manter a ordem... Tudo no filme ressumo pobreza e vício... Uma das poucas mulheres que aparece a uma hora, miserável, com um filho ao lado, a ouvir a música dos cantores ambulantes, tem este comentário «carinhoso» para a criança, «que quer mais música»:

— Lá dentro te darei a música!...

Eu não discuto que a vida nos bairros ribeirinhos do Pôrto seja

(Continua na pag. 23)

Os intérpretes de «Aniki-Bóbó», junto ao cenário admirável do Pôrto ribeirinho





Loretta Young

Loretta Young reaparece brevemente num filme de excepcional categoria
OS HOMENS QUE A AMARAM a estrear brevemente no Cinema Condes.

7 dias de teatro

ASSIS Pacheco, interrogado no Porto por um redactor do «Primeiro de Janeiro» acerca de coisas de teatro e de cinema, declarou, peremptoriamente, quando lhe perguntaram:

— Qual o filme português que lhe merece mais elogios?

Resposta de Assis Pacheco:

— Nunca vi nenhum.

Mais abaixo, no inquérito que lhe fizeram, Assis disse ainda:

— Duas coisas ressaltam das minhas respostas: a minha profunda ignorância cinéfila e o meu desânimo teatral.

Assim fala um dos melhores valores da geração actual do teatro português e professor do Conservatório...



É natural que Maurice Chevalier venha até nós brevemente.

Lisboa ainda não se esqueceu da sua figura, da sua alegria, da sua boa presença no palco do S. Luiz.

Maurice deve, por estes dias, visitar Madrid, onde trabalhará no Capitólio.

De Madrid a Lisboa é hoje bem perto... e Maurice tem público entre os lisboetas...



SERA possível? Tudo pode acontecer...

Fala-se na ida a Barcelona da companhia de Ricardo Covões... a do Coliseu...

Será possível? Tudo pode acontecer...



A PESAR de Armando Ferreira dizer, aqui ao lado, que a peça «Asas» — não «avouu»... nós somos de opinião contrária. Tanto «avouu» que já lá vai a caminho dos anjinhos...

Paz à sua alma! A estas horas está a dar conta a São Pedro do mal praticado cá na terra... Que a dita lhe seja leve... lá no céu!



A secção «Teatros e Cinemas» do «Diário de Lisboa» do dia 23 do mês passado inseriu, na parte «Atrás do reposteiro», 14 pequenas notícias teatrais.

Pois bem, seis delas diziam respeito à próxima representação da peça «Tovaritch», em que reaparecerá, no Ginásio, o actor Nascimento Fernandes. Essas seis notícias abrangiam 32 linhas e as oito notícias restantes da secção apenas 24!

Tanto, não! Não será réclamo a mais num só dia?

O «Trindade» tem «Asas» — mas não «abôa»...

de ARMANDO FERREIRA

JOSÉ Loureiro, o empresário moderno, a quem Lisboa deve ousadas realizações, tem sempre em mente que os seus teatros vão à frente dos outros, na conquista de êxitos e sucessos. De há muito que ele nutre a idéia de pôr o Trindade a voar, mas só agora o acaso fez com que se encontrasse com um aviador de nomeada — Humberto Delgado — a quem expôs o seu sonho. «Calha bem — lhe disse este — tenho lá em casa umas Asas, que vão levar este teatro à Glória». Dali a dias, aparecia com o caderno de baixo do braço, e Carlos Santos, corta aqui, pespointa ali, ajeitou as Asas à Companhia, realizando-se o primeiro voo na véspera do Natal, não só para não ir lá muita gente a quem o voar faz enjões, mas para que se a peça não agradasse — as asas fôsse consideradas dum anjinho.

* * *

A cena passa-se em casa do Sacramento que é coronel reformado, dêstes que usam azagaias na parede da sala para garantir ao público que veio de África. Lá está ele mais a esposa com um vestido muito florido, género salada russa ou «à jardineira», última moda naturalmente também da África. Estão recebendo a visita da D. Humilta que é mãe da Madalena, arrependida daqueles disparates que lhe vimos fazer contra a mulher legítima. Agora é menina «bem» e apaixonada do filho do coronel, um aviador célebre, que está a descobrir uma mina aérea, a última invenção depois da Mina Braga. O tenente não faz caso da pequena, porque anda todo virado para a russa, e não é homem para se bater em duas frentes. A mãe da menina diz que já fez um vestido de noite para ver se a pequena arranja noivo, e a mãe do tenente diz que a «Aviação estragou o seu Rui». O coronel diz que sim com a cabeça. Uma grande preocupação paira sobre aquela casa: do Ministério já telefonaram duas vezes a saber do oficial, e isto é muito grave. A russa também telefona a saber dele — mistério! — e na rua, à esquina, estão dois homens à espera! Suspeito?

Para entreter, o coronel conta uma história do mato, muito comprida, e realmente as visitas saem; o coronel, firme ali todo o acto como uma rocha, ouve então várias descomposturas da mulher.

Ficamos sabendo que ela tem também uma filha dum sedutor estrangeiro com quem casou «proforma social», menina que sai ao pai, por andar muito por fora e beber «whisky». Nisto, telefona a russa. Vai lá a casa! A casa do coronel! Escândalo. Ouve-se uma busina (a peça ainda é do bom tempo!) e uma criada vestida pelo guarda-roupa Paiva, como só se vê nas revistas, deixa entrar, mesmo contra as ordens da patroa, a russa. Vem aflitíssima. Telefonaram a saber do Rui, e isto é para afligir toda a gente naquela santa família. A russa então, na sua discussão com a mãe de Rui, assesta com todas as palavras que têm erros, carregando muito neles para demonstrar que veio mesmo da Ucrânia — de Baixo. O coronel continua a assistir à batalha, com grande calma e paciência, até que a esposa põe fora a apaixonada do filho apontando-lhe a rua: saia.

Isto denota grande valor porque a misteriosa russa, além de todos os erros, usa também duma chauffeuse russa para guiar o seu carro, que parece uma lutadora do Coliseu. O ambiente de angústia continua, porém, a ser enorme. E é então que o nosso Rui chega... vindo do alfaiate! Ora aí está. E diz que gosta de ser aviador e herói por causa dos vivas e flores, da loucura do regresso: o coronel diz que sim, e é então que chega um major que vem falar ao Rui. Quando o aviador vai para o major, este que é bruto como as casas; dá-lhe a voz de prisão, deita fogo pelos olhos, mostra a pistola e leva o manco. O coronel Sacramento, então, fica satisfeíssimo, porque é a maneira de poder ir lá fora, visto estar ali há mais de três quartos de hora, em ânsias.

Em casa da russa Olga Petroska, está a noiva do Rui, a aprender a pôr a essência do perfume do aroma do cheirinho do pecado. Olga fala da Rússia onde tudo é grande e misterioso, e promete-lhe salvar o noivo, que foi preso acusado de ter divulgado os seus planos a uma potência estrangeira!

Entretanto, paredes meias, o Rui é ouvido pelo major mau, que quer saber tudo. Rui diz que está incoente; não deu nada, ou então foi sem sentir... que lhe roubaram os modelos. E diz que rirá melhor o último que rir.

Entretanto, paredes meias, a russa recebe a irmã de Rui, Taciana, a tal filha do pai de ocasião. A russa quer saber se ficou alguém em casa com ela alguma noite. A Taciana, que é uma bêbada de estalo — que

(Continua na pág. 22)

NO Avenida vai ensaiar-se uma nova revista chamada «Fora dos eixos».

É bem um título que dá ao público a idéia de como vai, por dentro, o teatro português...



TEMOS a impressão de que a forma como a companhia Amélia-Robles está «passando» o seu vasto reportório no Ginásio, é prejudicial aos interesses da empresa...

Isto de variar todos os dias de peça, desorienta o público — e, mais — desorienta o artista...

E caso para perguntar: ainda não houve tempo para ensaiar uma obra nova?



REGISTAMOS nesta secção os seguintes períodos duma crítica de N. L. à peça «Noite de S. João», em cena no Apolo, numa referência que faz à grande actriz Adelina Abranches:

«Não fazemos referências especiais ao desempenho por entendermos não valer a pena, dada a qualidade inferior do trabalho que cada artista tem a seu cargo.

Queremos apenas fazer um reparo à intervenção de Adelina Abranches, que os autores meteram na peça «a martelo», para tirar efeito do prestígio incontestado que gozam junto do público os seus gloriosos cabelos brancos. Mas faz pena, acreditem que faz pena, vê-la prestar-se «áquilo». Nós já uma vez escrevemos o que pensavamos sobre o caso Adelina Abranches — e ainda não mudámos de opinião».



BEATRIZ Costa, que não deve voltar tão cedo a Portugal — assim se escreve na imprensa brasileira — vai em breve à América do Norte.

Hollywood que viu e explorou Carmen Miranda, irá fazer o mesmo de Beatriz Costa?

o homem das 5 horas

Entre nós



Com a assistência do sub-director do S. P. N., sr. António Eça de Queiroz, realizou-se, nos estúdios daquele departamento do Estado, a VII Exposição de Arte Moderna em que expõem trabalhos, entre outros, os artistas Almada Negreiros, Eduardo Viana, Jorge Barradas, Lino António, Emmerico Nunes, Carlos Bojelho, Mily Possoz, Rodio Gomes, Leopoldo de Almeida, Mulsio Fovita, Maria Keil do Amaral, Júlio Santos, António Duarte, etc.



No gabinete do sr. Subsecretário de Estado das Corporações realizou-se a assinatura do contrato colectivo de trabalho entre o Grémio Concelhio dos Comerciantes de Lisboa e o Sindicato Nacional dos Caixeiros, no qual intervieram os assistentes corporativos do Grémio e do Sindicato.

O Commissariado do Desemprego celerou às crianças de Lisboa, filhas de desempregados, vestuário e calçado e um excelente lanche. Foram contempladas 1.200 crianças de ambos os sexos de todas as freguesias de Lisboa, que compareceram na sede do Commissariado onde um grupo de funcionários, sob a direcção do chefe da repartição central, sr. Jaime Pires Bastos, distribuiu, os vestidos e calçado às meninas e fatos aos rapazes.

No dia de Natal, no Casino da Estoril, houve uma festa dedicada às crianças. Uma grande e brilhante Árvore de Natal fez as delicias da pequenada, tendo havido uma distribuição de brindes e de brinquedos.



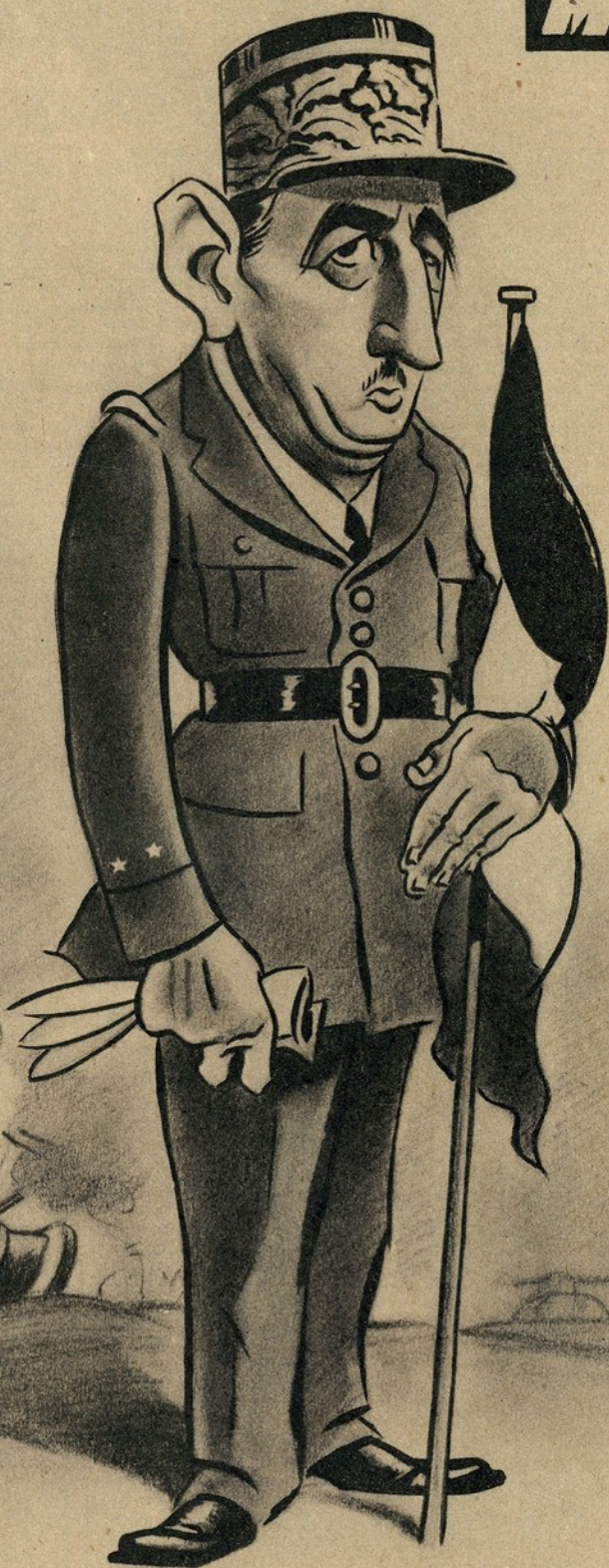
ITALIA

na
Guerra



Dois aspectos da acção italiana na guerra da Europa: EM BAIXO tropas italianas ocupam Nice, na zona não ocupada da França — EM CIMA, cavalaria italiana na frente da Rússia.

Figuras da Vida
MUNDIAL



SANTANA

O general Charles De Gaulle
Chefe da França Combatente.

(Visto pelo caricaturista Santana)

A vida dos grandes romancistas policiais

* POR SILVA BASTOS *

O romance policial tem os seus créditos firmados; conquistou definitivamente o seu lugar. Vai longe o tempo em que este género era considerado quasi deprimente e olhado com activo desdém. Hoje não é assim. Os romances policiais têm um público vasto e culto e já «não parece mal» lê-los numa 1.ª classe do *Sud-Express*, ou ter uma pequena colecção à cabeceira da cama. E verdade que o género tem evoluído, criou individualidade, deixou de ser uma simples narração de aventuras à «Rocbole» para se intelectualizar, e para adquirir a riqueza de caracteres e de análise que existem nos romances dum Pöe, dum Van Dine, dum Conan Doyle, dum Stevenson, dum Agatha Christie e de tantos outros. A técnica do romance policial, o estudo demorado das várias «fórmulas», exigia, não um simples artigo mas, muitos livros. Tão extraordinária é a sugestão, o poder verdadeiramente mágico dum bom romance policial, que outros romancistas empregam a sua técnica fora do género com êxitos absolutamente surpreendentes. O Cinema, o Teatro, a Novela e o Romance, no sentido genérico do termo, estão cheios dessas fórmulas, que representam 50% do sucesso.

O romance policial é o romance da época. Ele é a grande morfina do esquecimento, o melhor refúgio desta vertigem em que andamos todos os dias.

Um bom romance policial apodera-se de nós, agarra o nosso espirito, torce-o e retorce-o a seu belo prazer e só regressamos às nossas preocupações no fim das trinta e seis páginas da tabela: quatro horas de leitura intensa.

— Quem o não há-de bendizer?

Depois, o romance policial, seja ele qual for, dá-nos antecipadamente a certeza do triunfo do Bem sobre o Mal, garante-nos a vitória da Justiça, o que na vida real nem sempre costuma acontecer.

Vem a propósito observar este fenómeno curioso: os latinos não têm uma decidida inclinação para este género literário. Tirante uma ou outra excepção, a confirmar a regra, a verdade é esta.

CONAN DOYLE E O FALSO SHERLOCK HOLMES

Conan Doyle reina ainda como o maior escritor policial, no sentido rigoroso do termo. O seu Sherlock Holmes, mais que uma figura de ficção, é o símbolo vivíssimo dum Povo.

Outros escritores têm pretendido, com maior ou menor engenho, criar um «tipo» que sobreleve o de Conan Doyle, mas a verdade é que Sherlock Holmes quanto mais emitido mais se agiganta. As verdadeiras razões desta incontestável superioridade

têm que ser procuradas na psicologia. Scherlock Holmes, com os seus raciocínios por A mais B, a sua figura esguia e dura e o seu inconfundível cachimbo, é uma realidade viva: é um Inglês 100%, a viver plenamente no seu meio.

Tanto assim é que, dentro da própria Inglaterra, muita gente está convencida de que Scherlock Holmes existiu e que Conan Doyle teve apenas o mérito de descrever aquilo que o célebre policia lhe contara.

O primeiro romance de Conan Doyle — «Memórias dum Policia Amador» — teve imediatamente um êxito sem precedentes. Os pedidos de direitos de tradução choveram de todo o mundo.

Um editor alemão, que se especializara na publicação de folhetos mais ou menos novelescos (entre parên-

sis, o editor das conhecidas Aventuras de Rafles) propõe a Conan Doyle um negócio deste género: Conan Doyle escreveria aventuras de Scherlock Holmes em cinqüenta páginas e as edições seriam populares e acessíveis. Escusado será dizer que o pedido foi imediatamente recusado. O editor, porém, é que se não deu por vencido e, com a maior audácia, recorrendo ao engenho dum anónimo, começa a publicar as tais aventuras «comprimidas» de Scherlock Holmes, com que sonhara e, o que é mais espantoso, com o nome todo inteiro de Conan Doyle na capa.

A princípio o êxito foi restricto mas em breve assiste-se a esta coisa fantástica: o Scherlock Holmes de cinquenta páginas, descaradamente falsificado, invade o Mundo, e é

lido avidamente por toda a gente.

Conan Doyle passa desta forma, por artes verdadeiramente mágicas a receber mais direitos de autor pelos folhetos que não tinha escrito do que pelos seus maravilhosos romances.

ARSÈNE LUPIN, GATUNO ELEGANTE

O director da revista *Je Fais Tous* — homem de excepcional visão jornalística — pensava em dar uma réplica, a Sherlock Holmes. Prometeu aos seus melhores colaboradores as mais vantajosas condições mas nenhum se abalçou ao empreendimento. A literatura policial era considerada uma espécie de degenerescência literária e ninguém queria manchar o seu nome com o rótulo de «escritor policial». Estava escrito no entanto que o director do *Tous* obteria o que desejava: tarde entra no seu gabinete, paz provinciano que trazia sonhos no coração e uma algaibeira, que o recomendava interesse.

Dizia-se nessa carta que o director partia para Paris à com o futuro e que para isso lhe faltava talento e qualidades de trabalho.

O director do *Je Fais Tous* um sobressalto. Mede o rapaz to a baixo e dispara-lhe a roupa esta pergunta

— «Seria V. capaz de criar uma figura de romance que se podesse opor a Scherlock Holmes?»

— «Sou sim Senhor, diz-lhe o rapaz. Creio mesmo que isso me será relativamente fácil mas... preciso dum prazo.»

— «De quanto tempo precisa?»

— «De quinze dias apenas, mas não tenho dinheiro para me manter tanto tempo sem trabalho.»

— «Aqui tem 2.000 francos e volte daqui a um mês. Confio em si.»

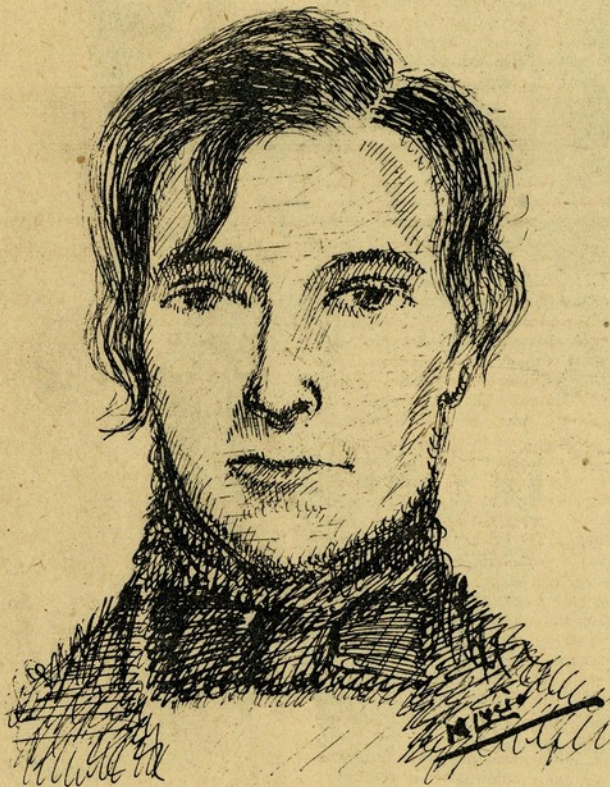
Passados oito dias já não era lembrado o pobre rapaz provinciano que trazia sonhos no coração. Mas eis que quinze dias depois deste diálogo ele entra pela porta do gabinete do director, erguendo no ar um grosso rôlo de papel. O esgotamento físico era visível. Mais um dia e ele cairia vítima de tanto trabalho. Durante quinze dias e quasi quinze noites não tinha pensado noutra coisa que não fosse o seu romance.

Esse romance chamava-se a «Aguilha Óca» e o rapaz era Maurice Leblanc.

EM LUTA COM SHERLOCK HOLMES

A «Aguilha Óca» caiu como uma bomba no meio do público francês. Arsène Lupin — um gatuno elegante que vestia casaca e viajava na 1.ª classe dos maiores transatlânticos — tornou-se em pouco tempo um herói quasi autentico, apaixonando milhares de leitores. O seu autor viu-se, dum só golpe, nos píncaros da Fama e da Fortuna.

Os romances sucediam-se febril-



Edgard Pöe

Vida MUNDIAL ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

mente em fantásticas edições: logo esgotadas pela insaciável avidez do público. Mês após mês, um novo romance surgia.

E um dia Maurice Leblanc teve de satisfazer as exigências imperiosas que lhe eram feitas de todos os modos. Se Arsène Lupin vencia com a sua espantosa habilidade e a sua coragem os maiores detectives franceses, faltava-lhe lutar com Sherlock Holmes, cujo prestígio, por seu lado, era cada vez maior, também. E Maurice Leblanc teve de publicar finalmente o seu romance mais famoso: *Arsène Lupin contra Sherlock Holmes*.

O sucesso foi delirante. O gatuão francês vencia o famoso polícia inglês e, muito embora o prestígio de Sherlock Holmes saísse quasi incólume, os leitores ávidos de emoções tomaram essa vitória a tais extremos que a autêntica polícia francesa teve de intervir. As manifestações populares foram tão ruidosas e tão exuberantes que a diplomacia britânica, embora discretamente, teve de exercer uma forte interferência. Maurice Leblanc foi intimado pelas autoridades a mudar o título do seu romance e êle, para cumprir essa intimação, mudou apenas as letras do nome de Sherlock Holmes e assim o livro passou a chamar-se: *Arsène Lupin contra Herloc Sholmes*.

Não vale a pena dizer que a penalidade imposta deu resultados contrários e que o romance foi ainda mais lido e mais procurado.

UMA FÁBRICA DE ESCREVER

Edgar Wallace não é um grande ancista policial; a sua técnica é segura e a sua obra não é nada: está cheia de desequilíbrio e de desigualdades. O seu nome, entanto, é dos mais célebres edições dos seus romances conta-se por centenas de milhar. O seu êxito desse triunfo estava na organização perfectíssima, quasi mecânica da sua «Fábrica de Escrever». Edgar Wallace, a golpes de tática (os seus primeiros romances de longe os melhores que publicou) montou no coração de Nova York a sua «fábrica», como quem se estabelece com um armazém de bicicletas, ou uma oficina de recauchutagem de pneus.

A sua «fábrica» ocupava oito andares e as diferentes secções de que era composta trabalhavam em «fitas de montagem», como nas fábricas Ford.

Parece impossível, mas é assim mesmo.

Num andar trabalhavam os caçadores de ideias; homens de reconhecida imaginação, que escreviam em fitas de papel os esboços de enredos, que iam imaginando, princípios de romances e «trucs» engenhosos. Essas tiras eram numeradas e registadas e passavam aos redactores. Estes seleccionavam, filtravam, digamos assim, aproveitando o melhor e escreviam um ligeiro parecer. As tiras passavam, então para os colaboradores. Aqui nova revisão, nova escolha novo parecer, já mais detalhado, com quaisquer sugestões a propósito e as tiras passavam para Wallace. Êste dava então a sua aprovação a êste ou àquele assunto. O romance começava finalmente a surgir. Os colaboradores desenhavam o plano geral da obra, marcavam os capítulos e entregavam-nos aos redactores-principais. Estes dividiam os capítulos entre si, metade a êste, um àquele, e em menos dum dia, reunidas, depois, as diversas partes, es-

tava pronta a obra. Esta, logo que estivesse pronta, era imediatamente dactilografada e voltava aos colaboradores que depois de a aprovarem ou de lhe marcarem as emendas necessárias, a enviavam a E. Wallace que então collocava o seu nome no alto da primeira página.

E o que era para os romances era para as peças de Teatro, para os argumentos de cinema, para os artigos de jornais, para as conferências, para tudo, enfim, onde a espantosa actividade dêste Homem se exercia.

Só assim era possível ser Director, simultaneamente, de trinta jornais e ter uma obra de romancista com mais de 500 volumes e um nome que subscreveu milhares de artigos, dezenas e dezenas de argumentos de cinema e não sei quantas peças de Teatro granguinesco — êsse teatro vivo e palpitante que Wallace fez reviver em plena 5.ª Avenida.

Juntamos a tudo isto uma formidável organização de publicidade e temos o segredo completo do triunfo dêste Homem.

EDGARD PÔE E O «CRIME DA RUA DA MORGUE»

A obra de Edgard Pôe é a obra dum Génio. O seu nome é uma glória, adquiriu a Imortalidade dos Grandes.

Ninguém até hoje o ultrapassou na literatura de terror, naqueles romances que são chicotes a zurzirem o nosso sistema nervoso. Foi também Poeta e a sua poesia «O Corvo» — admiravelmente traduzida em português por outro Génio que se chamou Fernando Pessoa — é tão excepcional que em nenhuma antologia do mundo outra se lhe pode comparar.

O estupendo sentido do trágico fêz de Edgard Pôe uma espécie de Satan literário. A maravilhosa trajectória do seu talento vai de «Escaravelho de Oiro», um dos seus primeiros contos, às «Aventuras do Gordon Pym, um dos seus últimos romances.

O seu talento impôs-se por si mesmo, mal começou a florescer. Não há na biografia de E. Pôe, os passos complicados e as desilusões que ilustram a vida de tantos outros. Bastou um simples conto (a sua grande especialidade) «O Crime da Rua da Morgue» para que o seu nome adquirisse fama e se fizesse cartaz.

O trama dêste conto é todo tecido e enredado na base dum infantil simplicidade. A técnica, para a época, marcou uma revolução. Edgard Pôe parte do inverosímil para o verosímil e de tal maneira que as figuras criadas e as situações que se desenrolam adquirem um valor nunca até ali igualado.

Trata-se, como todos sabem, dum macaco, fugido dum circo, que invade o 5.º andar dum prédio e aí comete um crime, saindo em seguida, tranqüilamente, para fora da cidade.

E, Pôe coloca-se, dentro do conto, como espectador do caso e começa as suas deduções, partindo do princípio natural que o criminoso é um ser humano.

O ponto mais alto que a imaginação dum Homem pode atingir está nestas deduções, que jorram num crescente desconcertante até demonstrarem a impossibilidade absoluta de ter sido um homem quem cometeu o crime.

Edgard Pôe, — podem correr os anos — será sempre o mais requintado, o mais imaginativo e o mais excepcional de todos os romancistas policiais.

O CRIME DA ESTRADA DE SINTRA

Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão pensaram um dia escrever em folhetins um romance policial. Cada um escreveria um capítulo e o enredo ficava entregue à inspiração do momento. O que um escrevesse seria complicado pelo outro e cada um deles procuraria colocar o seu companheiro nas situações mais difíceis.

Surgiu assim «O Crime da Estrada de Sintra».

Contar o que foi a publicação dêste romance, o êxito retumbante que os seus autores obtiveram, creio ser desnecessário. O assunto do dia em Portugal inteiro era o folhetim. A verdade e a emoção que os seus autores lhe imprimiam eram tais que a policia teve de realizar investigações por sua conta e publicar uma espécie de «comunicado» em que era garantido ao público que nada de verdade existia no romance que era publicado. A opinião pública viveu horas angustiosas, supondo que se tratava dum «caso» absolutamente real que a policia tinha interesse em encobrir.

A propósito dêste romance conta-se que Ramalho Ortigão delibrou «suicidar» um personagem que fazia uma falta desesperada a Eça de Queiroz. Êste não se importou demasiadamente com o sucedido e no outro folhetim ressuscita milagrosamente a mesma personagem, e com um poder de lógica tão grande que causou espanto ao próprio Ra-

malho.
Assim nasceu o primeiro romance policial português.

* * *

Muito havia ainda a dizer, porque o assunto é vasto.

Não quero, no entanto, fechar êste artigo sem vos falar de Rinaldo Ferreira, o célebre «Repórter X», morto na flor dos anos, quando o seu talento ainda nos prometteria uma obra mais vasta e mais sólida.

Êle foi, até hoje, o maior novelista policial português. A casa «Alpha» de Barcelona, de que êle foi Director, possui uma colecção de obras notabilíssimas devidas à imaginação de Rinaldo Ferreira.

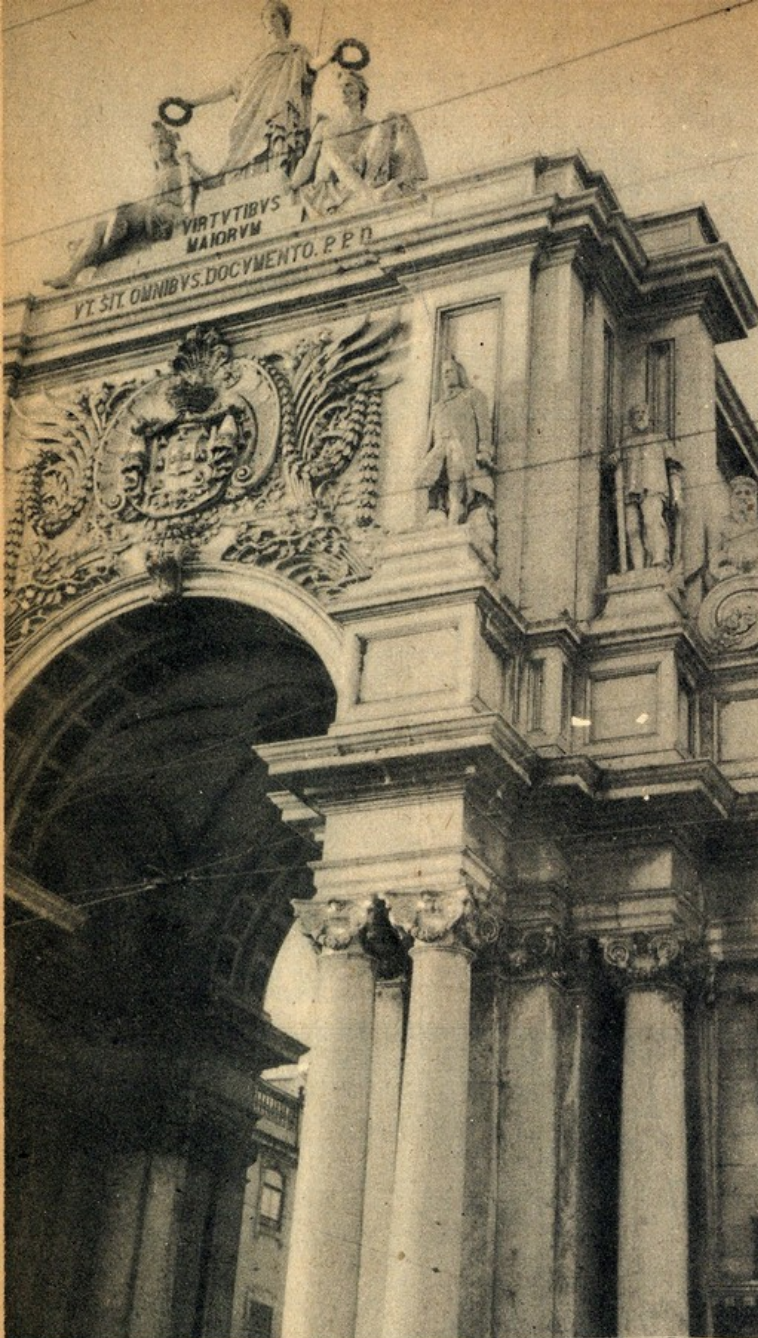
O que foi a sua vida, o seu trabalho, os seus triunfos e as suas derrotas, constituem um romance por escrever.

Um dia hei-de fazer um trabalho sobre êste Homem que eu conheci em horas bem amargas e com quem convivi dia a dia, como espectador da novela mais ardente e mais luminosa que um homem já viveu.



Edgar Wallace

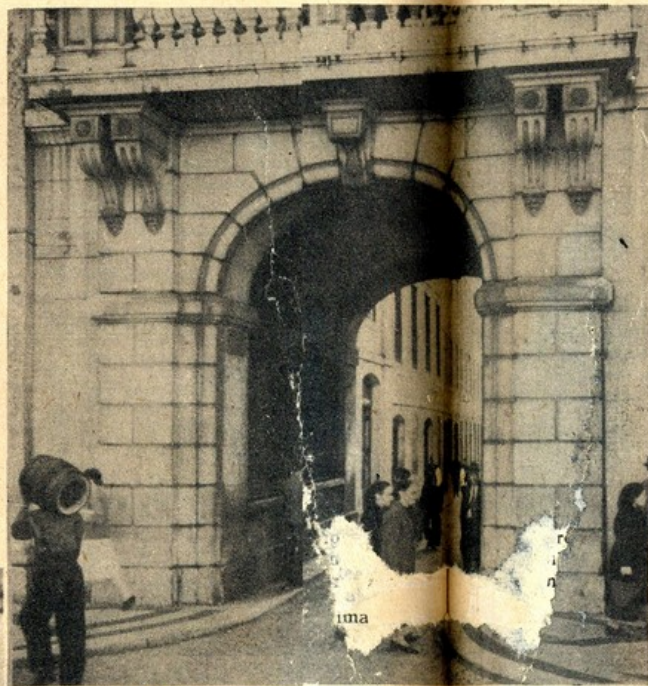
EM LISBOA HA MUITOS ARCOS MAS NÃO HA UM ARCO DO TRIUNFO



desejadas pelo espaço de dois séculos, e isto por meio de um aturado trabalho, durante 20 anos, em arrazar, desfazer e furar outros nas redondezas de 9 mil passos...

Todos têm a sua história: umas baffiantes desbotadas por aí dispersas em lendas ou compiladas em livros-almanaques; outras, mais recatadas, guardando no esquecimento dos homens, histórias lindas de amor, de glória e ódio... Uns são reminiscência de um passado que não existe; outros são o próprio passado que se faz presente — mas todos eles, pesados ou não na linha de construção, feitos lindas jmeelas abertas sobre a vida e sobre o sol.

Foram os romanos que valorizaram o fim decorativo e monumental do arco: em honra de



A DIREITA: O Arco das Amoreiras

tugueses o tenham esquecido — e só Deus sabe porque é que o arco de S. Bento, demolido e arrecadado em embrulhinhos com papel de seda, não é hoje o nosso Arco do Triunfo, como foi alvitrado há mais de 20 anos, para assinalar os feitos de Coutinho e de Cabral...

Foi notando a falta de nosso Arco do Triunfo, que os portugueses residentes no Brasil, dois anos antes das Comemorações Centenárias, pensaram em oferecer à sua cidade n.º 1 o arco triunfal que lhe falta. Chegou a falar-se em pormenores do projecto: blocos grossos de granito, cortados da pedra bruta, a servir de pedestal; lá no cimo, erguendo-se a toda a altura, dois maciços pesados de mármore de Estremoz, unindo-se num amplexo doce, sem curvas sinuosas. O arco ficaria lá no cimo da Avenida da Liberdade mas o monumento a Pombal bolia-lhe com a estética — de modo que se pôs de banda a idéia do Arco e pensou-se na compra do Palácio da Independência, ali a S. Domingos.

Mais uma vez, portanto, Lisboa ficou sem o seu Arco do Triunfo:



O Arco Escuro



EM CIMA: O Arco de S. Vicente
A ESQUERDA: O Arco do Evaristo

mas, em compensação, tem o Arco do Evaristo e o Arco Escuro — duas heranças tristes como a noite que nos trazem à idéia, nem se sabe bem porquê, cenas negras da Inquisição, torturas de almas sombrias como as vidas dos corpos que lá passaram: sem sol que as aqueça, sem ar que lhes concerta os pulmões...

(Fotos Seródio)

MANUELA DE AZEVEDO

LISBOA não tem um grande arco monumental. A excepção do Arco da rua Augusta, com funções puramente decorativas — crenos que todos os outros arcos da nossa Lisboa não passam de restos de «funcionários públicos»: a abrir caminhos, a estabelecer contactos, a dar um tudo-nada de luz e de ar a uma cidade de ruelas emaranhadas que queria defender-se de gregos e troianos... Era a porta do Ferro, a porta do Sol, era a porta do Mar; em frente do Cais de Santarém a outra porta do Mar que depois passou a chamar-se Arco de Jesus, por causa de um painel sacro que dali tirou só Deus sabe quem; era o Arco do béco das Moscas, junto do Chafariz de El-Rei, era o arco do Marquês do Alegrete, velho palácio de eruditos e latinistas; era o arco do Bandeira, era o arco das Amoreiras — última etapa do Aqueduto das Aguas Livres, em que se pôs a seguinte inscrição:

No ano de 1748. Reinando o Piedoso, Feliz e Magnânimo Rei D. João V. O Senado e o Povo Lisboense, à custa do mesmo Povo, e com muita satisfação dele, introduziu na cidade as Aguas Livres



AO ALTO, A ESQUERDA: O Arco da Rua Augusta. A ESQUERDA: O Arco do Alegrete

Druso, de Tito, de Marco Aurélio, Sétimo Severo — Roma ergue os mais notáveis arcos de triunfo e sob eles passam os seus generais gloriosos, cobertos de flores e de sorrisos de mulheres bonitas...

Hoje e sempre, os homens colhem do passado a experiência do mais belo e do mais feio. E quando sabem distinguir — imitam e da imitação renasce uma nova obra duradoura, como esse Arco do Triunfo da Estrela, que Napoleão I mandou erigir no topo dos Campos Eliseos.

Lisboa, porém, ficou-se modestamente com o seu Arco da rua Augusta — uma espécie de fivela pretenciosa a cerrar a arcaria sóbria do que de mais belo e grandioso tem a cidade: a Praça do Comércio.

Lisboa não tem, pois, o seu arco do triunfo, onde gravar os nomes dos seus generais e dos seus feitos. Entretanto, não é que os por-



CALCADA DA GLÓRIA

A MANEIRA... DE
ARMANDO FERREIRA

UM dia o Abelardo, cadete de infantaria, foi mandado para Maфра. Com que tristeza ele disse adeus às tardes da Baixa, ao crepúsculo dos cinemas, às amáveis e doces paisanas alfacinhas! E, logo, por asar, o cadete Abelardo tinha descoberto naquêlê comêço de inverno, sob um sol doirado mas frio, uma tal Heloisa, que logo se transformara para êle na encarnação dum grande sonho... Mas tinha de partir, partiu. Jurara, entretanto, aos seus Deuses, com a mão espalmada sobre o bonê do coronel, que havia de vir vê-la, muitas vezes, porque a adorava loucamente como um recruta. Uma manhã fingiu-se doente, não foi para os exercicios, enfiou-se num fato à paisana e, tapado com a aba do chapêu, saiu pela «Tapada» e veio tomar o comboio, na estação de Maфра, a dez quilómetros e vinte metros da vila. Hora e meia depois, enfarruscado do túnel, desembarcava no Rossio. A sua Heloisa devia esperá-lo, às escondidas da família, em São Pedro de Alcântara. Dali, o seu grande amor dominaria a cidade toda. Com que alvoroço êle subiu as escadinhas do Duque e enfiou pelo funil da Misericórdia! Heloisa ainda não chegara de certo para aumentar a sua ansiedade. A sua dêle. O tempo corria, porém, — e ela nada. Abelardo, já desiludido e com fraqueza, começou a passear dum lado para o outro, pensando na pouca vergonha das mulheres. Mas — coincidência estranha — quando êle ia precisamente a bater em heróica retirada, ela chegou, cansada, ofegante.

— Então isto é que são horas? — gritou êle, como um major, mal a viu.

— Perdôa, meu amor. Estive nos braços de Morfeu até mais tarde do que esperava...

— E ainda o confessas, desavergonhada! Com que então nos braços de outro homem? Oh! as mulheres!

Separaram-se, sem que êle quisesse ouvir mais explicações. Abelardo regressou a Maфра, mas aí, tendo-se dado por falta dêle, foi castigado com dez dias de detenção pelo coronel comandante. E na prisão o pobre cadete, atribuindo afinal ao fundador do mosteiro toda a sua desdita, passava os dias gritando, numa loucura:

— Morra D. João VI! Morra!

O SOLAR

UM amigo encontra Augusto da Costa na rua do Ouro e pergunta-lhe pelo novo livro que o escritor anuncia:

— Então êsse Solar?

— Vai andando aos bocadinhos...

— Que demônio, tanto tempo para construir um solar!

— Também não faz mal — retorquiu, sorrindo, o romancista. — Como êle há-de ficar deshabitado...

NUMA MÃO A ESPADA E NOUTRA A PENA



I

Este Gaspar Simões é crítico inclemente;
Mas dêle se publica,
Que os maus poetas louva, os bons critica.
Se Manso tal consente,
Ó Gaspar, ó Maldizente,
Nem sabes, não, depois que te conheço,
Quanto as críticas tuas reconheço.

II

A ferida do teu dardo, ó jamais cicatriza!
E a tua divisa
É desfazer em pó mortais e imortais.
Porém, tenho observada
Que a tua prosa, a que nos tens mostrado,
É afinal, amigo, igual a tantas mais.

III

Risonho, me enviaste
O último romance que lançaste.
Pedes-me agora a paga; isso a que vem?
Como posso eu pagar tamanha obra,
Se eu nunca digo mal de ninguém?

RECURVO SEMEDO.

A MULHER E O VIDRO

A FIRMA a sabedoria das nações que a mulher e o vidro estão sempre em perigo. Dizem que já existe o vidro que se não quebra. Quando haverá, porém, a mulher inquebrável?

ESPEREM-LHE PELA PANCADA

SEGUNDO nos contaram, em certa secretaria judicial de Lisboa há uma porta que tem uma mola de tal forma dura que os incautos, quando menos esperam, levam com a porta nas costas. Mais

curioso é que dentro está um aviso recomendando: «Cuidado». É caso para se dizer: depois das costas espancadas... leia-se o aviso!

ANTÓNIO DE ANDRADE

COMO vai, meu amigo? — perguntava alguém a António de Andrade, que a morte recentemente levou.

— Morrendo — respondeu.

— Há cinco anos que me disse o mesmo — comentou o amigo — e felizmente que a sua existência continua perfeita.

— Parece-lhe — respondeu o cantor. — Sofro duma agonia crónica...

FILOSOFIAS

RECORTO de certo filósofo:
— Qual o melhor dote do homem?

— A honestidade.

— E o da mulher?

— Um dote de duzentos contos — pelo menos...

A CONSULTA

Dr. Evaristo Franco, conhecido especialista de doenças de estômago, foi, há tempos, procurado por um dos seus amigos. Entrou no gabinete de consulta; feitos os cumprimentos, sentara-se médico e cliente.

— Então, que temos?

— Vinha consultar-te...

— O quê? Sentes-te doente?

— Não, felizmente ando bem...

— ?

— Como sei que não me levavas nada, queria consultar-te a respeito da situação internacional...

EMPREGOS

APRESENTOU-SE recentemente na Companhia dos Eléctricos um homem a pedir colocação.

— Que habilitações tem?

— Sei ler e escrever...

— Não basta. Em que tem estado empregado?

— Estava empregado numa fábrica de conservas. Era empacotador de sardinhas.

— Espalhado!

E o homem foi logo admitido para condutor dos eléctricos...

AMOR SÉCULO XX

AMAS-ME muito, meu amor? — perguntava certo D. Juan à sua amada.

— Tanto — dizia ela beijando-o loucamente na face — tanto que o meu desejo era que tu tivesses duas caras!

FÉRIAS

PORQUE choras, Antoninho? — Porque o mano teve férias do Natal e eu não tive...

— Mas porque é que não tiveste férias?

— É... que eu... ainda não ando no colégio!

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XVI — nas vésperas do desenlace

2

A CARTA DO ATLÂNTICO

N

O dia 14 de Agosto de 1941, o lord do Sêlo Privado, Attlee, deu ao mundo, por intermédio da B. B. C., uma notícia sensacional:

«Venho falar-vos, anunciou êle, de um importante encontro que houve entre o presidente dos Estados Unidos e o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha. Nesse encontro

assentaram ambos em redigir uma declaração de princípios. A declaração oficial que dá conta d'êste acontecimento é a seguinte:

«O presidente dos Estados Unidos e o Primeiro Ministro, sr. Churchill, representando o governo do Reino Unido, encontraram-se no dia 14 de Agosto de 1941. Ambos eram acompanhados por vários assessores, no número dos quais figuravam especialistas de altas patentes das várias armas e técnicas. Foi detidamente tratado o problema dos abastecimentos de guerra a fazer nos termos da lei de empréstimo e arrendamento, os quais devem ser concedidos à Grã-Bretanha e aos países que se batem a seu lado. A conferência assistiu Lord Beaverbrook, ministro dos abastecimentos do governo de S. M. O problema dos fornecimentos de material de guerra à União Soviética foi igualmente tratado.

«O presidente dos Estados Unidos e o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha tiveram ocasião de conferenciar por mais duma vez. Tiveram, assim, ocasião de considerar os perigos que representa para a civilização da política que a Alemanha hitleriana e outros países seus associados realizam afim de conseguir, pela realização de conquistas territoriais, o domínio mundial, encorajando êste perigo, o presidente e o Primeiro Ministro assentaram nas medidas a tomar para evitar que os perigos de que se ocuparam possam atingir os seus países.»

Nada dizia o comunicado oficial lido pelo sr. Attlee sobre a natureza e a extensão das medidas encaradas. Mas a simples notícia de que o encontro se tinha realizado era de molde a produzir, em todo o mundo, a mais justificada impressão. Certamente os srs. Roosevelt e Churchill não se deslocavam de Washington e de Londres, respectivamente, para se ocuparem de questões de importância secundária ou para tratarem, sem chegarem a conclusões definitivas, os assuntos de importância capital que se relacionavam com o futuro dos povos que dirigiam.

O TEXTO DA CARTA

A declaração conjunta em que ambos haviam assentado, e depois ficou sendo conhecida pela designação de Carta do Atlântico, era assim concebida:

«O presidente dos Estados Unidos e o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, em representação do governo de S. M., encontraram-se e aproveitaram essa circunstância para tornar conhecidos certos princípios comuns à política

nacional dos seus respectivos países, nos quais baseiam as suas esperanças de um futuro melhor para toda a humanidade.

«Primeiro — O dois países não alimentam quaisquer desejos de engrandecimentos territoriais ou de outra espécie.

«Segundo — Manifestam o propósito de não consentirem em quaisquer modificações territoriais que se não realizem segundo a vontade

expressa dos povos a que interessam.

«Terceiro — Reconhecem e respeitam o direito que assiste a cada povo de escolher a forma de governo que prefere; e manifestam o desejo de verem restaurados nos direitos da sua soberania as nações que, pela força, foram privadas desses direitos.

«Quarto — Reconhecem, com o respeito devido aos direitos e às obrigações actualmente existentes, a necessidade do acesso em igualdade de condições às matérias primas e ao comércio mundial de todas as nações, grandes ou pequenas, vencedoras ou vencidas, a fim de se caminhar no sentido da prosperidade económica.

«Quinto — Desejam estabelecer a mais estreita cooperação económica entre as nações do mundo, a fim de conseguir uma elevação do nível de vida, realizar a melhoria da situação económica geral e alcançar a segurança social.

«Sexto — Depois de destruída a tirania nazi, manifestam a esperança de ver estabelecida a paz, uma paz que permita a todas as nações viverem em perfeita segurança dentro das suas fronteiras e que permita a cada individuo, no seu país, viver liberto do receio da agressão estrangeira.

«Sétimo — Esta paz deve permitir a todos os homens navegarem nos mares sem qualquer obstáculo.

«Oitavo — Acreditam que todas as nações do mundo acabarão por abandonar o recurso à força. Por isso se decidem a encorajar todas as medidas práticas que possam contribuir para aumentar o amor pela paz e o horror pelas soluções de violência.»

PORMENORES DO ENCONTRO

No dia seguinte começaram a tornar-se conhecidos os pormenores do encontro. O Primeiro Ministro viajara a bordo do navio de linha mais recente ao serviço da esquadra britânica. Tratava-se do «Prince of Wales», de trinta e cinco mil toneladas, do tipo «Georges V». O presidente dos Estados Unidos viajara a bordo do «Augusta». Os dois chefes políticos das nações de língua inglesa tiveram a sua primeira conferência no dia 10 de Agosto. Simultaneamente tornava-se conhecida a lista das individualidades que os haviam acompanhado para o seu encontro histórico.

Com o presidente dos Estados Unidos encontravam-se o almirante Harold Stark, chefe do Estado Maior naval, o almirante King, comandante chefe da esquadra americana, o general Georges Marshall, comandante chefe do exército, o brigadeiro George Watson, o sub-secretário de Estado para os negócios estrangeiros, Sumner Welles, os dois mais próximos colaboradores do presidente para os assuntos relativos aos fornecimentos de guerra, Harry Hopkins e Averell Harriman, o filho do presidente, o capitão Elliot Roosevelt, e o seu médico assistente, dr. Ross Mc Intire.

Com o Primeiro Ministro tinham seguido as seguintes individualidades: o primeiro lord naval, Sir Dudley Pound, o chefe do Estado Maior do exército, general Sir John Dill, o marechal do ar, Sir Wilfrid Freeman, o secretário geral do ministério dos estrangeiros, Sir Alexandre



Winston Churchill ao sair de Downing Street, 10, após o seu regresso a Inglaterra, depois de ter tido com Roosevelt a histórica conferência do Atlântico.

Cadogan.

Ao largo das costas da Terra Nova, realizaram-se três conferências, duas a bordo do «Augusta» e a última a bordo do «Prince of Wales». A volta do encontro manteve-se um segredo impenetrável. Sabia-se apenas que o presidente tinha deixado o porto de New-York a bordo do seu «yacht», o «Potomac», e durante os dias que precederam a realização do encontro não houvera, de Londres, notícias do sr. Churchill. Isso não bastava, porém, para conhecer em todos os pormenores o encontro que estava, já a essa hora, em vias de realização. Uma mensagem comum enviada a Estaline constituiu o indício claro de que a situação da Rússia havia sido encarada em todos os seus aspectos. Dois dos assistentes das conversações, Lord Beaverbrook e Averell Harriman, conheciam perfeitamente todos os assuntos que se relacionavam com a posição da U. R. S. S.

AS PRIMEIRAS DECLARAÇÕES DE ROOSEVELT

O presidente dos Estados Unidos desembarcou em Rockland (Maine) no dia 16 de Agosto e convocou, imediatamente, uma conferência com os representantes da imprensa, a quem deu conta do que se havia passado. Começou por lhes dizer que o encontro se devia ter realizado mais cedo. Fôra combinada a sua realização em Janeiro, mas os acontecimentos dos Balcãs e o agravamento da situação internacional que deles resultara havia levado ao seu adiamento. Acrescentou que tinha chegado a acordo completo com o sr. Churchill em todas as questões de carácter político e militar que tinham debatido e que se relacionavam com a vida do Velho e do Novo Mundo.

Os jornalistas perguntaram-lhe se a expressão contida na Carta do Atlântico e segundo a qual a criação de uma nova ordem de coisas internacional dependia da destruição daquilo que ali se chamava «a tirania nazi» devia interpretar-se como um passo dado pelos Estados Unidos no sentido da guerra. O presidente respondeu negativamente acrescentando, porém, que a guerra entrara numa nova fase e que as nações do continente americano não podiam deixar de entrar em conta com esse facto.

O presidente contou ainda aos jornalistas que uma parte importante das conferências que realizara com o sr. Churchill tinha sido dedicada a estudar a situação dos países ocupados. Quanto à Rússia, acrescentou que a situação d'esse país foi objecto dum atento exame. Os pedidos dos dirigentes de Moscovo podiam agrupar-se em duas categorias: os que diziam respeito a mercadorias que podiam ser imediatamente enviadas e os que se referiam a produtos para trabalhar, exigindo a sua entrega um prazo maior.

A parte sensacional da declaração feita pelo presidente aos representantes da imprensa era, porém, aquela em que êle manifestava, inequivocamente, a sua convicção de que os sovietes estariam em condições de suportar o embate da máquina militar do Reich.

Não menos sensacional era a omissão do caso japonês nas suas declarações. As conversações anglo-americanas continuavam em Washington. E era essa, decerto, a razão principal por que o presidente se eximia a aludir à atitude japonesa que, de resto, se revelava pouco tranquilizadora.

AS REVELAÇÕES DO SR. CHURCHILL

O sr. Churchill voltou à Grã-Bretanha pela Islândia, onde recebeu um acolhimento muito caloroso. Segundo depois foi revelado, o «Prince of Wales», em que viajava, era escoltado por contra-torpedeiros americanos e encontrou no seu caminho, ao longo da costa americana, um grande comboio, tendo-se trocado efusivas saudações. O Primeiro Ministro desembarcou num porto britânico em 18 de Agosto e chegou a Londres no dia seguinte. Uma multidão entusiástica saudou-o à chegada. Presidiu, imediatamente, a uma reunião do gabinete e visitou o soberano em Buckingham Palace, tendo dado conta dos resultados da sua missão.

A Grã-Bretanha e o resto do mundo não podiam deixar de se impressionar pela forma por que o sr. Churchill se decidira a correr todos os riscos, afrontando os perigos de ataques submarinos ou aéreos. A viajem reali-

zara-se, porém, no meio do maior segredo e as primeiras notícias só começaram a tornar-se públicas quando êsses perigos já não podiam afectar os resultados que com a sua realização ingleses e americanos procuravam alcançar.

Uma semana depois o Primeiro Ministro fazia um discurso radiodifundido dando conta do que se passara entre êle o chefe da nação americana. O encontro era descrito como um acontecimento simbólico, um símbolo da determinação que, em certos momentos históricos, determina e decide, através do mundo, os povos de língua inglesa. O encontro simbolizava, porém, mais alguma coisa: a coligação magistosa das forças do bem contra as forças do mal que se haviam desencadeado sobre o mundo.

Como se tinham manifestado essas forças do mal, no conceito do Primeiro Ministro britânico? Não foi, certamente, por acaso que êle aludiu com particular insistência à agressão nipônica contra a China e à ameaça que, nessa altura, pesava sobre o Sião e a Indo-China, sobre Singapura e as Filipinas, sobre as Índias holandesas e sobre a Austrália. O sr. Churchill sabia que a evocação do Japão, do seu poderio militar e das suas tendências expansionistas constituíam o argumento mais sólido para impressionar a opinião pública norte-americana, particularmente sensível à situação no Pacífico.

O SIGNIFICADO DA DECLARAÇÃO COMUM

A parte mais importante do discurso, aquela que lhe deu um carácter histórico, foi a que se referiu, de maneira especial, à Carta do Atlântico. O sr. Churchill começou, a êsse respeito, por estabelecer uma diferença fundamental entre a Declaração que a Carta do Atlântico representava e a atitude dos aliados durante a última conflagração. Nem os Estados Unidos nem a Grã-Bretanha partiam, como em 1918, da ideia de que não haveria mais guerras. Para os países anglo-saxónicos era necessário considerar a possibilidade de que a guerra viesse a renovar-se e criar as condições para que os agressores não pudessem mais encontrar-se em condições de renovar a sua acção.

A diferença era fundamental entre o mundo que a Carta do Atlântico se propunha criar e a Nova Ordem preconizada pelas potências do «Eixo». Esta tinha de ser necessariamente o produto da hegemonia dum povo sobre os restantes povos da Europa e do Mundo. A Carta do Atlântico preconizava uma organização internacional em que os direitos soberanos de todos os povos fôsse objecto do mesmo respeito.

Era êsse, em última análise, o objectivo final que o Reich nacional-socialista se propunha alcançar. O ataque recente à Rússia, segundo o sua interpretação, constituía a condição prévia de um assalto em forma de Ilha britânica. Uma vez aniquilada a resistência desta Ilha, seria todo o continente americano objecto de um ataque cujo resultado, nessas condições, não devia oferecer dúvidas para nenhum cidadão dos Estados Unidos.

«Um a um, segundo os seus métodos, acrescentava o sr. Churchill, seriam êstes os passos que Hitler se propunha seguir para alcançar os seus fins.» Por isso êle manifestava o seu reconhecimento visto que finalmente os olhos dos homens responsáveis pelos destinos dos maiores povos se haviam aberto à luz reveladora das realidades. Os dirigentes soviéticos tinham tido o prêmio da atitude, ao tratar com Hitler, suportando a invasão dos exércitos alemães, bem armados e equipados. O presidente Roosevelt não desejava repetir a experiência e por isso tomava, oportunamente, as medidas de precaução exigidas pela série de agressões injustificadas de que o Terceiro Reich se tornara responsável.

SOLDADOS DA CRISTANDEADE

O discurso histórico então pronunciado pelo Primeiro Ministro terminou por uma peroração de incontestável significado. Depois de falar da cerimónia religiosa realizada a bordo do «Prince of Wales», durante a qual se haviam cantado os cânticos religiosos que constituíam a herança comum dos povos anglo-saxónicos, o sr. Churchill acrescentou:

«Deus que nos ajudou sempre nos momentos críticos da nossa existência não nos abandonará ainda desta vez. Somos, acima de tudo, soldados da Cristandade. Não é uma presunção vã, mas um sentimento profundo que me leva

a dizer-vos que estamos combatendo por uma causa para cujo triunfo recebemos a inspiração do Alto.»

A propósito referiu que o comboio que haviam encontrado no caminho era composto por cerca de oitenta navios de todas as toneladas e tipos, dispostos sobre a superfície do mar em catorze filas que bem podiam imaginar-se traçadas geomêtricamente com uma régua. Escoltados por contra-torpedeiros ingleses e sobrevoados por «Catalinas», eram bem, na imensidade do Oceano, uma imagem viva do poderio e da decisão da Grã-Bretanha, que nenhuma rivalidade poderia abater.

No dia 9 de Setembro reuniu-se a Câmara dos Comuns para ouvir uma exposição do Primeiro Ministro sobre a Carta do Atlântico e os seus fins. A Grã-Bretanha, disse êle nessa ocasião, tinha os seus objectivos de guerra claramente definidos e marcados. Achava, porém, preferível que êles fôsse revelados em perfeita comunhão de ideias com os Estados Unidos. Embora a Carta do Atlântico não dissesse, pormenorizadamente, como haviam de ser aplicados na prática os princípios que enunciava nem desse a entender quando a guerra teria o seu termo, era evidente a sua importância desde que os governos de Londres e de Washington, que certamente teriam a adesão de muitos outros governos, assumiam o compromisso formal de que êsses princípios teriam uma aplicação rigorosa e que a guerra em curso teria um fim vitorioso.

A leitura d'esses princípios bastava para demonstrar que a Grã-Bretanha, com o apoio dos Estados Unidos, estava decidida a restaurar a independência e os direitos de soberania de todos os povos europeus que viviam em regime de ocupação e a dar essa independência aos povos da Comunidade britânica que, como a Índia e a Birmânia, ainda não gozavam dela completamente.

A OFENSIVA PSICOLÓGICA

A Carta do Atlântico, por muito que queiram considerar-se generalidades os princípios que ela enuncia, é um documento dum alta importância. Maior se revelará essa importância no caso de o actual conflito terminar por uma vitória total das Nações Unidas e dos povos de língua anglo-saxónica. O que se possui, há vinte e quatro anos, com os catorze pontos de Wilson basta para justificar esta afirmação. Quando o presidente dos Estados Unidos os enunciou não faltou quem os considerasse e chamasse uma declaração retórica de princípios sem possibilidades de aplicação prática. Por muito que sejam discutíveis os termos em que essa aplicação veio, depois, a fazer-se, a verdade é que foram os catorze pontos de Wilson que regeram, durante algum tempo, os destinos do Mundo e contribuíram para preparar a paz de Versailles. A adesão, posteriormente verificada, de vários países, entre os quais a U. R. S. S. e a China, à Carta do Atlântico, significa que esta, no futuro e no caso de uma vitória das Nações Unidas, será o documento fundamental que os vários povos do Mundo terão de considerar como o estatuto básico da nova comunidade internacional a organizar depois da guerra.

As reacções de simpatia e de aplauso, que a revelação da Carta do Atlântico provocou entre a opinião pública norte-americana, a cujos sentimentos profundos especialmente se dirigia, apareceram expressas em artigos de fundo dos mais importantes órgãos jornalísticos dos Estados Unidos, de que daremos um resumo: «As coisas que a Carta do Atlântico promete são, efectivamente, coisas particularmente gratas ao espírito e ao coração de todos os americanos. Mas o que ela representa, neste momento, para todos os povos que se sentem vítimas da agressão nazi é, certamente, de muito maior importância. Berlim e Roma acusaram imediatamente o toque, dando conta do significado histórico do encontro e das repercussões futuras que a Carta do Atlântico não deixará de ter. Os povos anglo-saxónicos criaram as condições para tornarem efectiva uma ofensiva psicológica que acabará por colocar a seu lado muitos povos neutrais, os povos dos países ocupados e todos os homens que, espalhados pelo mundo, não desejam aceitar o programa da Nova Ordem hitleriana.»

Essa ofensiva psicológica acabaria por produzir se não os resultados que os seus iniciadores desejavam, alguns d'esses resultados que se revelaram apreciáveis.

(Continua)

OS "TRÊS FÊS"

Do Justino

Novela de Edgard Marques

QUANDO, ao cair da tarde, o Justino cobiava as suíças grisalhas, com a mortalha pendente dos lábios, e desfazia depois tabaco na palma de uma das mãos, nós já sabíamos que a seguir ao cigarro aceso, vinha a tosse costumada e ia botar discurso.

E o Justino, sentado na beira do muro, começou:

— Pois é verdade...

Calou-se.

Corria brandamente um fio de água, vindo da banda do poço, depois da faina da rega. Chilreavam pássaros em debandada. De vez em quando ouvia-se ladrar um cão. Os homens largavam o trabalho.

E o Justino repetia:

— Isso é verdade... Verdade, verdadinha a vida é isto, e isto é que é beleza...

Estendia a mão calosa a envolver céu e terra. A tarde decaía pouco a pouco, enquanto o sol atrás dos montes, em labaredas, a pouco e pouco se escondia. Do lado oposto, os campos esfumavam-se na côr cinzenta da neblina.

O Justino acrescentava, na mesma obstinação:

— Quando um «home» se não afasta disto, não põe a alma nem o corpo em perigo.

Depois, a contar pelos dedos:

— Mas há na vida de um «home» três coisas prejudiciais. São os três «fês»: funções, fêmeas e «faceletares»...

Respirou com força o ar que rescendia à terra fresca das regas e, progressivamente animado, continuou:

— Quando um «home» abala para funções, deixa os miolos em casa. Em feiras e bailaricos se semeiam os trabalhos. Negócio de fêmeas ou negócio de «faceletares» só com promessas de comêço, é conversa fiada a tornar cego um «home», que se vê em pampas para «ódepois» atinar com o caminho.

«Eu já me meti em sarilhos por via das funções e foi numa função, no meio de chacotas e chalaças, que trouxe comigo a desgraça e a desgraça entrou colada à minha beira, portas adentro de casa...

Já lá vão bons vinte anos; e sem ser por gabação eu era novo, novo e, graças a Deus, escorreito como qualquer um que o fôsse. Não era menos que os mais.

«Havia feira do ano na outra freguesia. Isto foi pelas alturas em que fiz com o «fedalga» escritura de lhe arrendar as terras por uma mão cheia de dinheiro e obrigação de duas pipas de vinho e azeite e hortaliças que bastassem lá para casa. Alma de um raio eu fôsse se mêdo eu tivesse ao trabalho. Qual mêdo, qual cara-

puça! Eu estava por ali, cheinho de fé, com sangue moço na guelra, capaz de amanhar as terras cá dêste mundo e do outro...

«Mas veio o tempo da feira. Que aquilo era falado, arraiad à grande, festa de Santo e romaria. Eu

já era casado; andava até a minha Rosa de vésperas do meu Manel, que anda hoje lá pela cidade — desde que foi para tropa não quis voltar à terra — cheio de prosápias e «fedalguas» que nem parece meu filho. Filhos são cadi-

lhos, como diz o povo na sua, e siga a história para não desviar a idéia da conversa.

«Como eu ia a contar, havia feira do ano na outra freguesia, mas eu não era virado a festas. Outros cuidados me davam volta



ao tóuço. Rapazes da minha igualha lá do sítio andavam todos no ar em combinações de ranchos e companhias para, em chegando o dia, abalarem de madrugada. Mais isto e mais aquilo, um «home» não é mouro. Tanta conversa fiada foi-me entrando a arrelhar o bicho do ouvido. E vai uma noite, deu-me na veneta e perguntei à mulher:

— «Eh, raio! E se a gente também fôsse?»

«Ela até pulou a procurar-me onde tinha eu a cabeça. Não me lembrava que ela estava de véspersas, sem jeito, pelo certo, para folias.

— «Pronto, mulher, é «questá» arrumada e não se fala mais nisso.

«Mas a modos que fiquei embezerrado, porque vai ela e bota-me estas falas:

— «Se tu não andas com as minhas pernas... abala, homem, podes bem ir...

«Fui. Antes a colheita se me queimasse de geada...

«Função sem copos é como arraial sem foguetes, dança sem par de cachopos, charanga sem bumbo ou tambores a tocarem a preceito. É com a pinguinha a mais que a gente entra na reinação.

«Ora agora pago eu, ora agora pagas tu, um «home» começa a aquecer o sangue, que lhe sobe à cabeça. A mim subiu-me ao coração.

«Já trazia de ôlho uma moça que a tôdas metia num chinelo, deixando as mais a perder de vista, que até parecia que tinha azougue no corpo, lume nos olhos a queimarem a gente... Era mulher de um raio!

«Cantava, que nem melro na primavera, modinhas ao desafio, bailando ao mesmo tempo o bal-larico, que um «home» sentia-se bailar por dentro só de ver bailar aquelas saias...

«Eh, pai do céu! Aquilo é que era catita!

«Fui-me arrimando à vinhaça para espaiar, mas, na minha idéia, a moça bailava dentro do copo, em cima da mesa, em cima do balcão da barraca do tio Pulga, que até por pilhéria perguntei:

— «A modos que vocemecê, para não desmerecer do nome, bota pulgas no vinho, hein?»

«Eu tinha o corpo a picar.

«E não estive com mais aquelas. Toca a ir dançar com a moça. Tristezas não pagam dívidas e leve a alma o diabo...

«Foi como se o porco-sujo ali estivesse a ouvir as minhas falas, porque ma levou.

«Não quero magiar nos trabalhos que passei para «ódepois» desmanchar negócio que tinha



CREMES

PARA DE DIA
E PARA DE NOITE

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 — LISBOA

Os produtos de beleza
RAINHA DA HUNGRIA

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade
Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

feito de troca.

«Nos amores como nos negócios, de começo tudo são «faceletares». Lembro-me ainda que, quando não tinha dinheiro para comprar os bois, o João da Herdade, cantiga para a esquerda, cantiga para a direita, era como se desse o gado de graça e eu não tivesse mais arrelhas na vida com o pagamento.

«Quando se está na função, de copo à frente, o céu nunca tem nuvens, não há azares, nem temporais, nem estiagem. A gente enxerga tudo a modos côr de rosa; a Terra não precisa do suor de um «home» e um «home pranta» a árvore e apanha ao mesmo tempo o fruto. Pois é desconfiar dos «faceletares». «Faceletares» do povo, «faceletares», da natureza, «faceletares» são cantigas, e cantigas levam ao vento, senão quem leva é um «home» bazarada de criar bicho. Se eu hoje semearse o trigo para o ver no dia seguinte espigado, não seria o filho do meu pai que levasse massa de tal pão à sua boca...

«E como ia dizendo cá na minha, pois também numa função que fiquei com os bois do João da Herdade. Os animais eram gordos, eu precisava dêles para o trabalho e toca de os comprar em palavras, sem deitar contas à vida.

«Antes eu tivesse partido as

duas pernas que deixasse ir ao fim negócio de tal monta.

«Um dos animais morreu, que já levava no corpo a doença, e eu paguei ali em dinheirinho bem contado, sem contar com os azares da sorte. O inverno foi frio, as chuvas alagaram os campos, e as colheitas uma estragação. Mas eu é que tive de pagar o mau por bom em tempos ruins, para não ficar sem o bocado de terra tirada por homens de leis, o bocado que era meu, comprado pela vindima do «fedalço». Foram êsse os «faceletares» de um papel onde escrevi o meu nome.

«Mas não era dos «faceletares» dos bois que eu falava; era dos «faceletares» da moça.

«Com a mioleira a ferver fui-me «achegando» para ela no meio da função da música a dizer-lhe... Sei lá quê! Eu levava um barrete cheio de palavras, qual delas a mais catita, umas puxaram as outras, nem um «home» pode saber quem nessas ocasiões lhe bota a lábia nas falas... E logo ali vi também que eu era do seu agrado. Ela, rapazes! Fica a gente tão contente, que, mal a comparação, é como se nascesse cria ao gado todo, um «home» ficasse rico, só porque ela ia na conversa sem mostrar desagrado, a dar a simpatia do coração.

«E ao começo, o pão daqueles

amores foi branco, trigo tão doce que parecia amassado com mel, e o mel não amargava!

«Mas cá o pimpão era casado. Disse-lho logo ali à preta. Mesmo quando o burro asneia não se perde logo o brio.

«Disse-lhe enquanto era tempo, porque depois o burro passou a ter mais força para escolher o caminho, do que o entendimento de um «home» a puxar-lhe a arreata. Ela levou o caso à conta de maus fados. Paciência! Os «faceletares» por «môr» dos nossos amores, não olham à vedação do casamento.

«E começou a vida de marcosas e mentiras no fingimento de negócios com maltezes, para disfarçar abaladas pela noite ao caminho dos encontros com a moça. Um «home» quando se vê nesses assados até lhe nascem manhas, é capaz de jurar falso sem saber que mente, um «home» deixa de ser um «home», sempre a malucar por dentro, nem êle sabe o que quer...

«Rebentam brigas que levam fezes à alma, a alma cai para dentro do inferno, que o mafarrico sabe fazer as contas como o João da Herdade soube obrigar a prantar para ali, em dia certo, o dinheirinho dos bois...

«Vem a noite e a mulher procura à gente:

— «Ó «home», para onde vais?»

«E os arremessos da moça:

— «Home», porque não vieste?»

«Fica-se enroscadinho de todo, o corpo não enxerga descanso, vai-se o amor ao trabalho e o gosto do comer.

«Faceletares» foi chão que deu uvas e foi então que a raôga lá na sua se abespinnou, a acusar-me de a ter levado ao engano.

«Eu gostava cá da minha com ganas de amizade, que até o corpo ficava como morto se passasse em a deixar.

«Antes quis deixar as terras do «fedalço» e vir para outras bandas fazer vida. Eu e mais «emulher, os dois, graças a Deus» não estou arrependido. Voltar a amanhar a terra, tempo passado e tempo nunca é perdido, quando um «home» aprende nestes livros...

De novo a mão calosa do Justino queria abraçar tôda a natureza.

A luz agora morria. No espáculo da hora parecia que o horizonte se encurtava, aproximando mais a serra limitada pelas veias de um moinho.

E o Justino repetia:
— Há na vida de um «home» três coisas «prejudiciais»: são três «fês» que enchem de fezes a alma da gente. São os três desvios do diabo...

Calou-se. Respirou com força o vento brando da tarde, que arrastava no ar o perfume tôdas as laranjais...

UMA GOTTA DE «HERPETOL»
e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardências na pele, etc. **ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR**

A venda em todas as farmácias e drogasias
Preço avulso: 11\$00

HISTÓRIA SEM PALAVRAS ~ Por Stuart de Carvalhais



Panorama Internacional

NA CRISTA

DA ONDA

por Francisco Velloso

SE, exceptuados os acontecimentos na frente germano-russa, a semana finda não trouxe ainda os factores que hão-de desenvolver os sucessos decisivos do conflito mundial, durante ela passaram-se já alguns de alto relêvo que podem influir neles à entrada do novo ano.

UM AVISO DE ALARME



EISENHOWER de que as populações residentes perto de objectivos militares ou na zona da costa marítima se retrassem para outros pontos.

Há meses, já se haviam dado avisos no mesmo tom, e nada lhes sobreveio. Muitas vezes estes actos são meros alarmes do serviço dessa modalidade da «guerra total» que se passou a conhecer por «guerra de nebulosas», presumindo que o inimigo acredita nela. Os alemães largamente a usaram antes e durante a campanha de França, mercê dos seus agentes franceses que valeram mais, para o efeito, de que todos os «tanks» e paraquedistas dos seus exércitos de invasão. Passado o transe, os nervos insensibilizam-se a semelhantes investidas e nas seguintes em geral, já escarmentados, não se agitam senão nas pessoas timoratas. Doutra lado, a espionagem bem montada em países inimigos logo corrige tôdas as atoardas, e a velha regra de que homem prevenido vale por dois não deixa que os gritos alarmantes sobressaltem.

Este aviso, só por si, nada prova. A experiência de Saint-Nazaire não rendeu senão mortos na população da cidade, que acreditaram em que dessa vez iria estabelecer-se a famosa testa de ponte, quando, como se viu, somente se tentava destruir docas e bases de refúgio à esquadra alemã. Churchill, num dos seus últimos discursos, ao fazer as referências possíveis à expedição norte-americana à África do Norte, advertiu os crédulos de quão difícil é organizar, durante meses, até às mínimas das mínimas, um «raid» de assalto desta natureza, quanto mais uma expedição que envolve, até em mais sérias proporções que a descida em Argel e em Orão, a mobilizada utilização sincronizada de tôdas as armas e meios de transporte. Essa, comandada pelo ilustre Eisenhower, custou trabalhos constantes de preparação desde Julho de 1942.

Não sendo, pois, impossível, melhor, por mais prudente, é conside-

rar tal acto em dependência de meios preparatórios demorados e sobretudo em razão de uma emergência condicionada pelas circunstâncias que lhe determinarão a oportunidade no evoluir da situação geral da guerra nos diferentes teatros de operações.

E a verdade é que uma avançada das forças aliadas para o continente está neste momento ligada a questões ainda irresolvidas, conquanto, feita com todos os requisitos, perturbasse inevitavelmente o «statu quo» da ocupação alemã, no território francês.

Por uma banda, há-de contar-se com o litigio ainda insolucionado na África do Norte dos 8.º e 1.º exércitos de Montgomery e de Anderson contra o Afrika Korps de Rommel e o grupo de tropas de von Nehring. Por outra, o referido acto tem de entrar em sinérgica correspondência com um certo grau de profundidade das batalhas ofensivas que tão surpreendentemente estão sendo travadas pela Rússia contra os exércitos alemães, sobretudo no sul, entre Voronezh, Estalinegrado e Rostov.

O ÚLTIMO BALUARTE ALEMÃO



ROMMEL

Na África do Norte, em seguida à morte de Darlan, os acontecimentos políticos correram parelhas, como era de prever, dos acontecimentos militares. As operações tomaram nítida viragem. No dia 30, ao dar balanço ao saldo positivo das de 1942, a revista britânica «A guerra em terra» esclarecia o seguinte, cuja importância é escusado acentuar: «Nas campanhas da Algéria e da Tunísia havia a oportunidade das vanguardas do 1.º exército, se avançassem suficientemente depressa, de talvez atingir Tunes e Bizerta, antes do inimigo se ter fortificado. Mas esta tarefa era grande demais para uma vanguarda. O país está mal adaptado para a preparação de aeródromos e o mau tempo veio aumentar as dificuldades das comunicações por longas e congestionadas vias. Por isso, nos primeiros dias de Dezembro, tornou-se evidente que o 1.º exército teria de limpar o inimigo da Tunísia, por meio de uma campanha mais metódica, como aliás sempre foi ponderado. Os elementos mais avançados retiraram das posições expostas e o exército prosseguiu nas suas fortificações e no melhoramento das suas linhas de comunicação».

A esta situação é de juntar que Montgomery vinha ainda retardado para o grande choque. Houve, pois, que reforçar Anderson — e para isso chegaram mais material e mais tropas aliadas à Tunísia e mais aviação a Montgomery — e, estabelecido o plano dos ataques por assim dizer convergentes dos dois exércitos às forças alemãs dos dois grupos, houve de esperar-se que o 8.º

exército prolongasse mais pela Tripolitânia dentro, a sua marcha de perseguição. A 24, andava perto de Buerate, a 75 quilómetros de Sirte; a 28, Rommel, sempre em retirada, ultrapassava Misurata para oeste; nos dias seguintes, vinham notícias de que o marechal alemão abandonara as defesas naturais do «wadi» de Bei-el-Kebir, seguindo mais para ocidente.

Foi neste meio tempo que se tornou visível o intento dos dois generais alemães de juntarem as suas forças em território da Tunísia. Destacamentos italianos do Afrika Korps vinham desembarcar em Sussa e em Gabes, para onde se encaminhavam também transportes aéreos e marítimos do «eixo», tolhidos ou afundados pela esquadra de

Cunningham ou pelos «raids» da aviação aliada a meio de suas jornadas marítimas.

Quanto tal se verificou, nos indícios dados por lentos desvios que von Nehring ia fazendo de tropas para o sul, ao longo da zona costeira, as vanguardas de Anderson, tendo à direita e até à fronteira da Tunísia com a Tripolitânia as forças francesas de Giraud, apesar de carecidas de equipamentos motorizados e blindados, puseram-se em movimento para cortar em sobre aquela zona a possibilidade da referida junção. Mantido pelos ingleses o bombardeamento aéreo de Bizerta, Tunes e dos portos litorais, e bem assim a linha de alturas entre Mateur e Medjez-el-Bab (gonzo da resistência aliada em defesa dos caminhos para a Argélia), os «corpos francos» de Giraud apontavam por Pont du Fallis, a sueste de Tunes, e a 15 quilómetros desta, a ameaça à capital do protectorado, e o gróss das forças francesas, secundadas por paraquedistas (que estão brilhando) lançava-se de surpresa para a costa. A 31, do quartel general aliado, chegavam informações assás interessantes a este respeito, dizendo que «colunas rápidas de «tanks» e infantaria americana, transportadas em camiões, haviam atacado através do sudeste da Tunísia, num avanço de surpresa, em direcção à costa, tendo atingido um ponto que fica apenas a cerca de 60 quilómetros de Gabés».

O objectivo deste golpe era meter uma cunha entre as principais forças de Nehring, concentradas a cerca de 300 quilómetros ao norte de Gabés, e o exército de Rommel que se encontrava a cerca de 300 quilómetros, mais para o oriente».

Acrescentava-se haver por certo que o marechal alemão decidira abandonar a defesa da Tripolitânia e concentrar-se na da Tunísia. Ao norte de Gabés, as tropas do General Barré (o general Jerin substituiria Giraud no alto comando) abriam também caminho em direcção à costa, num avanço em tenaz, ao encontro das tropas alemãs que von Nehring enviava apressadamente, transportadas em planadores, para reforçar as tropas italianas que guardavam a estrada costeira.

Já a 25, Stimson declarou que os alemães desviavam as suas tropas da Tunísia na direcção do sul, e que era de prever grande ataque defensivo das forças do «eixo».

Ao mesmo tempo a Rádio Paris informava que os aliados haviam recomendado a ofensiva na frente central da Tunísia. Desta forma, a situação apresentava-se logo assim: os Ali-

Os DENTES

só nascem duas vezes

Defendei-os desde a infância com



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.** **NAS FARMACIAS E DROGARIAS**

dos procurariam liquidar o mais rapidamente possível as forças inimigas do norte e centro da Tunísia, para depois se haverem com as do sul, podendo ser antes de elas terem podido operar a junção com as de Rommel, acossadas por Montgomery. O inimigo, por sua vez, procurava efectuar essa junção o mais rápido possível, sabendo que um grande exército podia resistir mais do que dois exércitos pequenos.

No dia 31, tudo isto era confirmado pelo quartel general aliado na Tunísia ao opinar que, se as tropas americanas conseguirem cortar a estrada que do sul se dirige para Gabés, Rommel será apanhado numa ratoeira, devendo notar-se que as comunicações entre a Tripolitânia e a Tunísia são poucas e más, tendo as forças de Rommel de seguir a estrada costeira.

Subsiste sempre a incógnita sobre a razão porque Rommel (para mais apertado de sul pelas colunas do general gaullista Leclerc que subindo do Lago Chad haviam já atingido Fezzan em direcção ao sul da Tripolitânia) não afrontava com todos os riscos uma resistência ou até dar batalha a Montgomery, e a resposta unicamente plausível era a da falta de meios suficientes para isso. Assim, como desde 27 aparecia à vista, preferindo deixar o general inglês a braços com a transposição dos barrancos três «wadis» ou leitos secos de rios que se lhe atravessavam no caminho, descolando-o dos contactos com as frágeis cortinas de protecção italianas que lhe deixava nas retaguardas, e penetrar na Tunísia, aproveitando o tempo para, como diziam a 30 e a 31 os observadores britânicos, Montgomery, não obstante a intensa actividade de perseguidora da sua aviação, reagrupar as forças necessárias para desencadear operações em maior escala.

E eis a batalha da África do Norte, na altura em que vai.

DE GAULLE, GIRAUD E ROOSEVELT



GIRAUD

ao fim.

O assassino imediatamente interrogado e sujeito a julgamento por um tribunal militar que o condenou à morte, foi executado logo no dia 26 pela manhã. O seu nome e até a sua identidade não foram revelados — o que agravou o pesado ambiente do momento. Roosevelt dizia nesse mesmo dia em Washington: «Espero que uma justiça rápida castigue o criminoso, ou criminosos». Assim se fez. Ficava apenas no ar a versão, emitida de Londres, de que se tratava de um partidário de Doriot, à qual aqui nos referimos.

Bergeret, membro do Conselho de Darlan, proclamava à população e, declarando que o almirante «caíra no seu pósto, representando do povo francês ao lado dos Aliados na luta contra a Alemanha», pedia calma e concitava à união dos franceses. Eisenhower ia mais longe. Para ele, que se recusava a apreciar o passado político de Darlan, ele fora «absolutamente justo em tudo o que fazia» e «nunca

até agora, tanto quanto sei — acrescentava — quebrou a sua palavra, desviando-se de qualquer promessa, embora frequentes vezes tivesse de fazer coisas que lhe traziam bastantes dissabores». Marshall, o chefe do exército norte-americano acentuava que Darlan «prestou grandes e importantes serviços aos Aliados». Giraud dizia mais tarde que Darlan servira a causa da França.

O capítulo da morte dramática de Darlan parecerá assim encerrado, se a não revelação do nome do criminoso não levantasse núvens de suspeitas.

O Conselho Nacional Francês da África foi logo convocado e a 27 discutia a situação. Todos os partidários de Doriot eram internados num campo de concentração argelino.

O general Giraud foi escolhido para sucessor de Darlan. Com a proclamação que o heróico oficial fazia ao entrar em funções, era tornado público um pormenor das razões que haviam inspirado a sua eleição: — segundo a Ordenança de Darlan a 2 de Dezembro, no caso de impedimento ou ausência temporárias, ele seria substituído pelo general Nogués, residente geral em Marrocos; no caso de esse impedimento ou ausência serem de longa duração (o caso de morte que assim ficava previsto) o Conselho elegeria o sucessor dentro de um mês. As circunstâncias exigiram-no sem mais demoras. Giraud trazia do Conselho um programa: — Todos firmes e unidos para a vitória dos exércitos franceses ao lado dos Aliados. Era um programa nitidamente militar, mas o facto de aludir à união de todos os franceses e de falar em «exércitos franceses» abria-o para extensões mais amplas do que as do Norte de África. Catroux, ao regressar de Londres à Síria, passara em Argel e avistára-se, ao que parece, com o seu velho companheiro de armas. Este, dizia-se em Londres, advogava a unificação de todas as facções pela vitória. O «Observer» lançava a ideia de um acordo com De Gaulle. Cordell Hull afirmava a sua satisfação. De Gaulle almoçava com Churchill e conferenciava com Eden.

E então assiste-se a uma convergência de esforços em torno de Giraud, trazendo-lhe indiscutíveis provas de confiança. Eisenhower mostra-se «encantado por ter um homem dessa ténpera a seu lado». Toda a imprensa inglesa que apenas cala, mesmo depois do crime, o seu ressentimento de má paga contra Darlan (um grande marinheiro mas oportunista ao máximo em política, comentava o «Times») circundava o general de louvores.

Mas logo por detrás desta coral de louvores repontou outro objectivo. Em tempos, como aqui contámos, o «Times», mal Darlan surdura em Argel, defendera a criação de um governo francês oposto ao de Vichy. O almirante tomando a deixa, quis formar um e chegou a anunciá-lo. O «tolle» inglês foi geral. O almirante, cobrindo os americanos, adiantou-se a explicar que a ideia fora exclusivamente sua e ficou Alto Comissário. Agora, a ideia renasceu na confiança a Giraud, preconizando, dizia a Reuter a 28, resumindo

as opiniões londrinas «que o regime pessoal no norte de África seja brevemente substituído por uma forma de governo cuja autoridade se mantenha e sustente na base do apoio de todas as correntes de opinião francesas», com a colaboração de Giraud e de De Gaulle. Mas a imprensa americana não entrou por agora em tal campo.

E as diligências começaram. Começou por anunciar-se, algo prematuramente, um encontro Giraud-De Gaulle, e a ida deste e de Catroux a Washington. Citavam-se conferências do general Bethouard, representante de Giraud, para os abastecimentos, com o presidente Roosevelt, e conferências que o general Dastier de Lavigerie, delegado da Comissão da França Combatente, tivera há dias com o general Giraud. No dia 29, porém, o general Giraud adia a sua viagem a Washington. Porquê?

Na véspera, este último advogara «o estabelecimento de autoridades provisórias com poderes mais latos, abrangendo todas as forças francesas na pátria e no estrangeiro e todos os territórios franceses em condições de combaterem pela liberdade». Ao ser-lhe perguntado o que pensava do discurso, o general Bethouard, à saída de uma conferência com Roosevelt, limitou-se a dizer que tudo o que favorecesse a unidade francesa seria bem vindo, mas acentuou que o essencial era a «conquista do nosso país». Mas Walter Lejoman, o conhecido colaborador do «New York Herald Tribune» escrevia ser de importância vital que o mais breve possível surja um governo provisório francês derivado da autoridade combinada de Giraud e De Gaulle.

As duas orientações — entre as quais Washington não cede milímetro na exclusiva condução do assunto, colocando acima de tudo a necessidade de ultimar a campanha do Norte de África com a vitória, dando todos os sectores franceses para ela o seu esforço — eram evidentes.

O RASTRO DE UM CRIME



DE GAULLE

No dia 31, De Gaulle, abordado em entrevista pelo semanário londrino «Queen», dizia estar procurando que na Comissão da França Combatente estejam representadas todas as correntes de opinião francesas e ajuntou sensacionalmente que «o próximo governo francês» incluiria alguns homens novos. Onde terá, porém, sua sede esse governo? Em Londres por uma dilatação da comissão presidida por De Gaulle? Em Argel, sob a presidência de Giraud? Eis a questão que oxalá não torne a ser espinhosa. Outra informação da Reuter, no mesmo dia, punha na boca de um funcionário dessa Comissão «sta exigência: a representação militar da França no quartel general dos aliados».

A França, disse este funcionário, «tem que ser representada não por um exército ou mais exércitos, mas por um exército nacional e por um

governo provisório, o que é a única maneira de a França Ultramarina, com excepção da Indochina ocupada, entrar de novo na guerra».

Duas ordens de factos acudiram entretanto. A Somália Francesa entrava na incorporação da França combatente. E, na África do Norte, descobria-se uma conspiração sensacional que revelava o rastro fundo que tivera o crime contra o almirante Darlan.

No dia 30, a policia de Argel, tomava, em prisão preventiva, dōze pessoas, algumas das quais, estavam implicadas numa conspiração para assassinar altos funcionários, segundo se comunicou. Quatro dessas dōze pessoas soube-se serem funcionários da policia que sabiam que se ia dar o assassinato de Darlan. O general Giraud, Alto Comissário do Norte de África francesa, informou que entre os alvejados «se encontravam alguns dos seus melhores amigos». Alguns dos detidos foram acusados de premeditarem o assassinato do general Giraud e do ministro Murphy, representante do Presidente Roosevelt no Norte de África. Dois dos detidos, segundo se sabe, são pessoas proeminentes. As prisões tinham sido feitas por soldados da guarda francesa móvel. O general Giraud, que assinou a ordem de prisão, disse que ela era necessária, pois os implicados eram suspeitos de prepararem desordens, entre as quais se incluía o assassinio público e afirmou que os presos eram norte-africanos.

No dia 31, Giraud fazia declarações à imprensa:

A questão é exclusivamente entre franceses — disse Giraud; que acrescentou que entre os indivíduos presos, figuram duas pessoas que, devido à sua alta posição social, auxiliaram grandemente o desembarque das tropas norte-americanas na Argélia.

A declaração, como costuma dizer-se, caiu como uma bomba!

Respondendo a uma pergunta, desmentiu que estivesse a tentar estabelecer uma ditadura militar no Norte de África. E acrescentou:

«Apenas uma ideia norteia todas as minhas decisões, a qual é de ganhar a guerra contra as potências do eixo», ao lado das nações aliadas. Para isso necessito de manter a ordem em todo o território da África do Norte, sem olhar a considerações ou aos interesses dos políticos de uma ou outra facção».


Interrogado o general se pensava que se registariam novas tentativas de assassinato contra ele próprio, Giraud respondeu:

— «Sim. Mas isso não me preocupa, porque fui já ferido várias vezes e ainda estou vivo. Porém, tenho de zelar pela vida de outras individualidades proeminentes, entre as quais figura a do ministro Murphy, representante do presidente Roosevelt no Norte da África Francesa».

E referindo-se, pela primeira vez, à possibilidade de uma aproximação com o general De Gaulle, Giraud disse:

— Um dia virá em que todos os franceses, os que servem o general De Gaulle, os que estão prisioneiros na Alemanha, os que se encontram na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos ou os que se encontram aqui no norte de África, estarão todos unidos e então teremos a certeza da vitória».

Quando, talvez em breve, se desrançar a rede destes factos que vimos de narrar, não serão poucas as palavras para exprimir o assombro diante da verdade que as conveniências agora tanto ocultam.



APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil

Peça folhetos grátis á

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

PORTO

José Carlos

O pianista de 13 anos que anda no 6.º ano do CONSERVATÓRIO

TODOS os dias os jornais lá de fora nos vem falar dos meninos-prodígios: pequenos actores, pequenos dançarinos, pequenos músicos, pequenos que tocam, cantam...

Nós, como somos gente de comportamento modesto, não andamos por aí a nadar em pequenos génios. A precocidade «yankee» não nos molesta. Por tendência de uma raça de natural feita de pigmeus adultos, irreflexiva e irrequieta — os prodígios não são coisa que ande por aí num trazer por casa, a um tempo banal e inesperada... Por isso mesmo, quando aparece algum — é que venceu a desconfiança do indígena e pôs de banda certas inten-

ções malignas com que o queriam receber...

Ora, pois: aqui está um pequeno engraçado, igual a todos os outros da sua terceira classe no liceu. Uns olhos tristes, um arzinho severo que lhe nasce do acanhamento inconstante e que está mesmo a dizer: «deixa-me, deixa-me, que eu quero ir brincar...»

É o José Carlos. Um pequeno pianista de 13 anos que nasceu em Luanda e que está em Lisboa, desde 1939. Deu em 31 do corrente um concerto: uma emissão directa em onda curta para os seus amigos de África.

— Faça assim todos os anos — diz-me êle, baixando os olhos. Assim, os meus amiguinhos sempre têm ocasião de ir acompanhando os meus progressos...

— Dize cá, José Carlos: como foi isso da música?

— Gostava muito. Aos anos, quando fui aprender música, já tocava tudo de ouvido numa gaitinha de boca e, depois, numa concertina...

— Que músicas?

— Coisas populares da minha terra... do folclore, como me ensinaram depois a dizer...

— Ao princípio custou um bocadinho...

— Isso sim, não custou nada. Tinha boa memória e ainda hoje leio e decoro bem...

José Carlos, que é um aluno exemplar no colégio onde está a tirar o curso liceal, acrescentou:

— A minha professora era muito minha amiga... A sr.ª D. Maria Holanda Soares de Melo, que foi

discípula de uma antiga aluna do Mestre Viana da Mota, não conhece?

Digo-lhe que não e pergunto a José Carlos — êle dá, pela primeira vez, uma entrevista e isto é de certo modo complicado para êle...

— Quando te apresentastes em público, pela primeira vez?

— Era muito pequeno... Mas, olhe: quando a sr.ª D. Maria Matos esteve em Lourenço Marques, que foi onde eu me criei, até vir para Lisboa, já tomei parte num recital organizado por ela. E também tomei parte noutro que o sr. Estevão Amarante lá deu, em 1938... Já tocava Mozart, César Cui, Beethoven... Ah!... é verdade, aos 7 anos, toquei numa emissão directa de Moçambique para Angola...

— Bom. E como foi que vieste para Lisboa?

— Naquele tempo, estava em Lourenço Marques o sr. Primeiro-Tenente Joel Pascoal, que pertencia à direcção do Rádio Clube. Organizava festas muito bonitas e convidava-me para eu tocar piano. Depois, começou a dizer aos meus pais que eu devia vir para Lisboa, para estudar com o senhor Viana da Mota, lá me arranjou as coisas...

— Que coisas?

— Então não sabe que em Lourenço Marques há uma Comissão de Assistência Central? Quando um menino tem jeito para alguma coisa que não pode aprender lá, dão-lhe dinheiro.

— Já sei, bolsas de estudo...

— É isso mesmo... Eu estou aqui a estudar piano e frequento o curso liceal, por conta dos meus amigos... E sabe? Em Luanda, quando souberam que eu vinha para Lisboa, logo a Câmara Municipal, sem que lhe pedissem nada, quis ajudar-me também. Fizeram-me uma festa, quando lá passei, a caminho da Metrópole...

— Gostavas de voltar?

— Gostava. Mas agora não posso. São dois meses de viagem; só me ficava um mês para lá estar, gastava muito dinheiro e nem valia a pena. Só volto quando fôr um homem!

— E saudades dos pais?

— Tenho muitas. Meu pai é empregado de escritório e minha mãe é dactilógrafa. Não ganham muito mas se não fôsse a guerra, já cá tinham vindo...

— E tu tens medo da guerra?

— Ela está muito longe... mas, se ela viesse, não sei como havia de ser, que eu tinha medo de alguma bomba me estragasse o piano...

Olho as mãos de José Carlos. São grandes, muito grandes mesmo, sem a espiritualidade que a gente

(Continua na pág. 23)



A nossa redactora Manuela de Azevedo conversando com o pianista José Carlos

teatro

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6)

desgosto para o coronel! — diz que ficou lá a Carmen (não se assustem que não é a de Triana) Império, a grande *coupletista* internacional... Ah! Está tudo descoberto! A russa, manda a *chauffeur*, com uma piscadela de olho, ir buscar a Carmen — e que a traga de qualquer maneira — brrr! Ai, se o tenente-coronel Agostinho Lourenço soubesse das coisas que se passam em Lisboa... na Trindade!

Dali a instantes, ei-la que anuncia, como num espectáculo: a senhora Carmen Império! E entra uma excelente menina, a falar espanhol com alguma dificuldade. A russa oferece-lhe tudo: uma carteira com dois contos, um macinho de bilhetes de carro eléctrico, uma passagem de avião, e até um passaporte falso, já pronto...

Mas a Carmen não quer. Diz que não foi ela quem roubou os planos ao Rui, e só sai de Portugal quando acabar o contrato com o Condes, que é onde as Carmens se demoram mais tempo. Mal sai a Carmen e a mana de Rui, a russa cai a chorar e diz que está desgraçada!

Entretanto, do lado direito, o preso recebe visitas: o pai coronel, a mãe com as raposas ao ombro, e a noiva, todos a adorar o menino, como autêntica noite de Natal. Vem o impedido e diz: «Está lá fora um sujeito que lhe quer falar, nem alto, nem baixo, bem parecido e de boas maneiras». E o inventor — isto é que é ser espertinho — diz logo: Ah! já sei quem é! A família, visto isso, retira-se e entra... a russa. Oh! que cena dilacerante. Ela diz que sabe muito, que andou 900 quilómetros a pé, e todos a dizerem-lhe: anda para a estrada russa! Por isso, não gosta dos homens. Até já matou um, motivo porque se sente capaz de matar aquela *charada!* Beija-o. Vai dizer tudo. Jurou que o havia de restituir à noiva; é claro, diz isto com muitos *erres*. E ao ver-se ao espelho, descobre que a cortina da janela mexeu. O Rui, avança, e sai lá de dentro o major, que estava ali a observar, e por um triz vai para o major com o gasganete apertado pelo Rui! Lancinante!

Finalmente, o traidor vai ser julgado. A policia não descobriu mais nada, nem mais ninguém foi preso, a não ser, parece, um vago espião a quem foram encontradas as cópias dos segredos, e que não é molestado por estas com uma pneumonia! O que é preciso é julgar o Ruizinho porque é meia noite e a peça tem de acabar antes da uma. Há dois advogados, um zangado e outro sem um braço. O promotor é o mau, e a defesa vai pró maneta. Começam por discutir um com o outro, dizer coisas muito feias, que qualquer paisana não era capaz de dizer, e por fim o defensor, que fala bem, mas é um pouco lunático, porque se refere aos sintomas de loucura da opinião pública, vê o Marat em 1942, e apontando para a plateia quieta e resignada, chama-lhe «multidão ululante, debatendo paixões frenéticas!». Nisto, entra pelo tribunal dentro a criada das Mónicas a dizer que a russa se matou, e escreveu uma carta em que diz estar inocente. O tribunal não se rala e vai lá dentro conferenciar com o bombeiro e o *contra-regra*. Quando volta, lê a *sentença* — 275 artigos do código, para nos dizer que não há teatro (*santa verdade!*) de guerra — e por isso, o Rui não é fusilado mas condenado.

É então que da superior — fila N — se levanta a noiva, a Madalena, e diz que acaba, agora mesmo, à justa, de descobrir tudo. Tem ali as provas. Foi a mana Taciana quem roubou o mano Rui. Rebuçou no quarto da mana, viu um quadro pi — uma ardósia que o presidente do tribunal manda logo vir e está ali atrás da porta para chamar à pedra os criminosos mau! E a Madalena, à vista do público, explica tudo com giz e má caligrafia. A audiência levanta-se; os dois noivos ficam só e prometem então, depois daqueles sarilhos acabarem, bater as asas — única e verdadeira razão do título da peça.



— Mas haverá alguém que tenha coragem para desejar prosperidades a este menino tal como êle se apresenta?

(Boneco de Zéco)



NOVO HORÁRIO NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA TODOS OS DIAS

Horas	Estações	m.	Kc/s
8,50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
12,20 Comunicado Q. G. I.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
14,10, Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
22,40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
22,40 Noticiário	Ondas médias	m. 221.1	
		m. 263.2	
0,00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.760
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

21,20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.995
21,20 (Quarta-feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830



com asseio,
economia e
tranquilidade,
porque...

basta abrir uma torneira e riscar um fósforo...

Sem desperdício, pois acabando de servir-se, fecha-se a torneira...
...e nada mais!

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

LISBOA — 1943

7 DIAS DE CINEMA

(Conclusão da página 4)

assim. Afirmo apenas que o espectáculo da tela não beneficia do realismo cru, e suporta, muito pelo contrário, com vantagem, que aqui e além sobre a nudez horrorosa da realidade se ponha o manto acolhedor da fantasia.

Se o Manuel de Oliveira argumentista não conseguiu, inteiramente, o favor da crítica, o Manuel de Oliveira realizador triunfou em absoluto. Fomos daqueles que nunca duvidaram das qualidades do autor de «Douro, Faina Fluvial», e que não cessámos de apregoar essa confiança nas colunas dos jornais e revistas onde temos trabalhado.

«Aniki-Bóbó» é um filme de excelente factura técnica, realizado com segurança e com magnífico sentido de cinema. A «linguagem cinegráfica» de Manuel de Oliveira é sóbria, clara e precisa. Sabe tirar os efeitos mais difíceis com uma facilidade aparente, que surpreende aqueles que conhecem os problemas técnicos a vencer. Sob este aspecto, o jogo dos polícias e ladrões ficará como uma das passagens mais belas do cinema português. O próprio sonho, dentro da concepção limitada que os nossos meios autorizam, tem imagens magníficas. O desastre do comboio, a corrida de Carlitos sobre os telhados e muitas, muitas outras passagens, atestam a cada passo o valor de Manuel de Oliveira como realizador.

Satidemos «Aniki-Bóbó» não como uma promessa — mas como uma realidade que é, como uma obra que honra o homem que a assina.

A interpretação, confiada a um grupo de garotos do Porto, é me-

lhor do que poderia esperar-se. Manuel de Oliveira escolheu bem os tipos e pô-los a representar com o à-vontade que se coaduna com a história estranha que lhes coube viver. O Eduardito, o Carlitos e a Teresinha, pela ordem que vão citados, defendem os seus papéis de forma por vezes notável.

Nascimento Fernandes ainda não convenceu como actor de cinema. Os seus processos histriónicos não se amoldam à expressão cinematográfica. É um actor que resulta «duros» na tela. Vital dos Santos tem uma rábula magnífica na figura do professor caricato daquela escola vergonhosa, onde o estudante aplicado é metido a ridículo, e os alunos se «bombardeiam» com mata-borrão embebido em tinta... E afirmou-se ser «Aniki-Bóbó» um filme próprio para crianças!

A António Mendes, que assina a fotografia, cabe uma grande quota parte no êxito da obra. As suas imagens do exterior são quasi sempre muito boas e valorizam, pelo bom gosto dos enquadramentos, as cenas de ar livre.

Jaime Silva (filho), escreveu para «Aniki-Bóbó» uma partitura que serve a acção na medida em que a música deve colaborar com o cinema.

* * *

Para resumir as nossas impressões, queremos dizer ainda que consideramos «Aniki-Bóbó» no número dos melhores filmes portugueses de todos os tempos — com a reserva feita à história, que nos parece mais do que inverosímil, mórbida e dissolvente.



A VOZ DE LONDRES

Emissões em LINGUA PORTUGUESA

10.45 ..	Noticiário	24.92 m. (12.04 mc/s)
		19.76 m. (15.18 mc/s)
		13.86 m. (21.64 mc/s)
12.15	Noticiário e Actualidades	24.92 m. (12.04 mc/s)
		19.76 m. (15.18 mc/s)
		13.86 m. (21.64 mc/s)
21.00	Noticiário e Actualidades	42.11 m. (7.13 mc/s)
		41.75 m. (7.19 mc/s)
		31.75 m. (9.45 mc/s)
		30.96 m. (9.69 mc/s)
		261.10 m. (1.149 kc/s)
		1.500,00 m. (200 kc/s)

O pianista José Carlos

(Conclusão da página 21)

costumava pôr, em imaginação, nas mãos de um pianista.... José Carlos

— Não olhe, estão assim por causa das freiras... Na minha terra tinha o paludismo. Aqui, vê, tenho as freiras...

— Estudos muito música?
— De obrigação, duas horas. Mas como gosto muito do piano, toco muito mais... Às vezes estou a brincar e de repente lembro-me de tocar...

— E quando há concertos?
— Ah! isso então é mais sério! Ai uns dois dias antes não me importo... mas depois começo a pensar que é uma vergonha se toco mal e que os meus amigos de África podem ficar aborrecidos... Então, já não penso em brincar. Até me sinto um homem...

— Estudos só com Mestre Viana da Mota?

— Com o sr. Fernando Lopes Graça aprendi solfejo, história da música e ando agora a aprender harmonias...

— Futuro compositor?
— Na minha terra, às vezes, fazia músicas mas o sr. Viana da Mota não gosta dessas brincadeiras...

— Em que ano estás?
— No sexto ano de piano. Tenho sempre muita sorte, as classificações são sempre as melhores... O ano passado, o sr. director do Conservatório até me chamou, depois do exame e, na frente do júri, fez-me um grande discurso e prometeu que havia de me ajudar...

— E quando fôres crescido, o que queres ser?

— Só pianista...

— E professor?
— Professor, não, não gosto. Só executante...

— Qual é o autor que mais gostas de interpretar?

— Beethoven. Por causa das harmonias.

— Com certeza que hás-de ter a tua aspiração...

— Queria ir para a Alemanha, para Leipzig, quando acabasse a guerra, para estudar melhor piano... Gosto muito da música alemã...

— Por quê?
— Já lhe disse: por causa das harmonias... parece que dá «força» à gente...

— E a outra música clássica?
— Não gosto da francesa. Nem de Chopin, que é muito triste... Da italiana às vezes gosto, desde que não se trate de ópera...

O pequeno José Carlos fala-me, ainda, do entusiasmo com que ouviu a 5.ª Sinfonia de Beethoven, pela Orquestra Filarmónica de Barcelona e manifesta a sua pena de não poder assistir a certos concertos de S. Carlos:

— Não sou rico e, depois, às vezes os mestres acham que tenho tempo...

— Dormes muito?
— Deito-me às 10 horas e levanto-me às 6,30...

— Pergunto a José Carlos quando corta o bigodito que ainda não tem e se já anda de amores com alguma pequena da vizinhança... Mas êle diz-me que não, depois de corar muito:

— Ora minha senhora...

E são estas as últimas palavras deste pequeno artista que há-de ser pianista de nome, que é o aluno n.º 1 do Mestre Viana da Mota:




EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
7.15	WDJ	Todos os dias	39.7 m (7.565 mc/s)
7.15	WRCA	3.ª feira a Domingo	31.02 m (9.67 mc/s)
7.15	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
8.30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31.02 m (9.67 mc/s)
8.30	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
18.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)
19.30	WRCA	Todos os dias	19.8 m (15.15 mc/s)
19.45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WGEA	Todos os dias	19.56 m (15.33 mc/s)
21.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA



O general Anderson que comanda
o I Exército Britânico que opera
na Tunísia, em ligação com as
forças francesas e americanas,
contra as forças germano-italianas
de Von Nehring.

(Foto Britanov)

LEIA NESTE NÚMERO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA":
**A VIDA DOS GRANDES
ROMANCISTAS POLICIAIS**
UM SENSACIONAL ARTIGO DE SILVA BASTOS